

*Société Musicale Indépendante – SMI, sua fundação, sua bandeira e o testemunho da imprensa especializada em torno de sua primeira temporada artística*¹

Danieli Verônica Longo Benedetti²

Universidade Estadual Paulista (UNESP) | Brasil

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo | FAPESP

Resumo: O presente artigo, segmento de pesquisa de Pós-Doutorado sediada no Departamento de Música da ECA/USP e amparada pela FAPESP, pretende traçar o histórico da *Société Musicale Indépendante – SMI*, sociedade musical francesa criada em 1909 por um grupo de compositores entre os quais Maurice Ravel, Charles Koechlin e Florent Schmitt, cujo principal objetivo foi promover a música contemporânea sem distinção de escola e nacionalidade. Fundamentado em material coletado no acervo privado de Charles Koechlin e da *Bibliothèque nationale de France-BnF* o texto pretende ainda uma reflexão sobre a primeira temporada artística da *SMI* por meio do testemunho da crítica especializada publicado por importantes órgãos de imprensa da época.

Palavras-chave: musicologia, associações musicais, *Société Musicale Indépendante*, compositores, imprensa.

¹ *Société Musicale Indépendante – SMI, its founding, flag, and how the specialized press witnessed its first artistic season.* Submetido em: 17/04/2015. Aprovado em: 23/05/2015.

² Danieli Verônica Longo Benedetti é Pós-Doutora, Doutora e Mestre pela ECA/USP/FAPESP. Tem apresentado trabalhos e publicado nos Anais da ANPPOM (desde 2005), na Revista OPUS (2007, 2009 e 2011), Revista Música HODIE, Revista OSESP, entre outras. Especialista no ensino do piano pela *École Normale de Musique de Paris - ENMP* e em interpretação pianística pelo *Conservatoire National de Strasbourg - CNRS*, França. Bacharel em música - piano, pela UNESP. Realizou estágios de pesquisa no Departamento de Música da *Bibliothèque nationale de France – BnF*, onde obteve acesso a todo acervo restrito referente às pesquisas desenvolvidas. Autora do livro “Obras de Guerra – A produção musical francesa durante os anos da Primeira Guerra Mundial” AnnaBlume/FAPESP 2013. Atualmente é professora substituta no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – IA/UNESP. Email: danieli-longo@uol.com.br

Abstract: This article, part of a postdoctoral research conducted at the Department of Music ECA/USP and sponsored by FAPESP, aims to trace the history of the Société Musicale Indépendante - SMI, French music association created in 1909 by a group of composers between which Maurice Ravel, Charles Koechlin and Florent Schmitt, whose main objective was to promote contemporary music without distinction of school and nationality. Based on restricted archives, collected in the private collection of Charles Koechlin and *Bibliothèque nationale de France, BnF* the text intends to reflect on the first artistic season of SMI through the testimony of critics published by press organizations at the time.

Keywords: musicology, music associations, *Société Musicale Indépendante*, composers, press.

A *Société Musicale Indépendante – SMI*, idealizada por Maurice Ravel (1875-1918) e criada em 1909 por um grupo de compositores entre os quais Charles Koechlin (1867-1950), Florent Schmitt (1879-1958) e o próprio Ravel, foi uma associação engajada em promover a música contemporânea sem distinção de escola e nacionalidade. A *SMI* foi criada a partir do desentendimento desses compositores junto a *Société Nationale de Musique – SNM*, criada em 1871, esta com o objetivo de divulgar a música contemporânea porém restrita aos compositores franceses. Por meio da organização de temporadas de concertos essas associações foram responsáveis pela estreia de um número impressionante de composições que eram selecionadas por um comitê formado por seus dirigentes.

Ao contrário da *Société Nationale de Musique – SNM*, que possui um importante e organizado acervo (de posse da *Bibliothèque nationale da France – BnF*) - no qual foi possível o acesso à todas as atas e processos verbais das reuniões do comitê; atas e processos verbais das Assembleias Gerais; Estatuto e modificações pós Assembleias Gerais (1871, 1886, 1917, 1919); cadernos de anotações de membros fundadores; caderno da Associação com a lista das principais primeiras audições de 1871 a 1966; programas dos concertos de 1871 a 1928 e muitos outros documentos – o mesmo não é válido para a *Société Musicale Indépendante - SMI*.

A documentação produzida por esta importante sociedade musical é praticamente inexistente. A *Bibliothèque nationale da France-BnF* possui apenas alguns de seus programas de concertos, classificados como “*BnF, Musique, Programmes de la SMP*” – fonte primária para esta pesquisa - e constituíram importante meio de investigação no sentido de compreender os critérios de seleção para as obras apresentadas, conhecer os membros do comitê e tirar algumas conclusões sobre o seu funcionamento e a sua breve existência que se estendeu de seu primeiro concerto, em 20 de abril de 1910, ao último

datado de 3 de maio de 1935.

Outra importante fonte de investigação foi o acesso, em ocasião de estágio de pesquisa de campo, ao arquivo particular do compositor, musicólogo, crítico e escritor francês Charles Koechlin, um dos fundadores da *SMI*, arquivo este de posse da *Médiathèque Musicale Mahler* em Paris. Neste extenso arquivo foi possível a leitura e a transcrição manual – pois diferente da *BnF* a midiateca não autorizou a reprodução de nenhum dos documentos solicitados - da correspondência mais significativa trocada entre Koechlin e os fundadores da *SMI* durante o período em questão; artigos de sua autoria publicados e os que permaneceram em rascunho, sobre os acontecimentos relacionados a associação; artigos de outros autores selecionados por Koechlin, em particular as crônicas de Pierre Lalo para o jornal *Le Temps* nos quais fazia severas críticas à *SMI*; escritos autobiográficos; textos de conferências; alguns programas de concertos; outros documentos e anotações pessoais do período pesquisado. Não foram encontrados neste acervo privado nenhum documento referente ao Estatuto da *SMI*, atas das reuniões do comitê e de seu funcionamento. Fato que nos leva acreditar que a *Société Musicale Indépendante – SMI* não teve o mesmo cuidado de sua concorrente, a *Société Nationale de Musique – SNM*.

Fonte fundamental de pesquisa, visto a escassez de documentos produzidos pela *SMI*, foi também uma minuciosa investigação da extensa produção deixada pela imprensa da época. A busca por informações relacionadas ao funcionamento e ao conflito entre as sociedades que se tornaram rivais, *SNM* e *SMI*, foram publicadas sobremaneira pelas revistas *Le Mercure de France*, *Le Guide Musicale*, *La Revue Musicale*, pelos jornais *Comoedia* e *Le Temps* e constituíram material imprescindível para este trabalho.

Todas as traduções dos textos originais do francês que integram o presente artigo³ são de minha autoria.

Assim, a pesquisa teve como fundamentação principal um extenso material de época coletado nos arquivos mencionados em ocasião de estágios de pesquisa de campo. Faz-se importante porém mencionar como bibliografia de apoio principal em relação a *SMI*, o artigo de Jean-Michel Nectoux, “*Ravel/Fauré et les debuts de la S.M.I.*” publicado pela *Revue de Musicologie* (1975) com a transcrição de uma correspondência inédita trocada entre Ravel e Gabriel Fauré (1845-1924) durante os anos da fundação da sociedade; o livro “*L’Avant-garde musicale à Paris de 1871 à 1939*” de Michel Duchesneau (1997), trabalho referencial sobre as sociedades musicais criadas entre 1871 e 1939 entre elas a *Société Musicale Indépendante – SMI*; o livro *La belle époque de la musique française 1871-1940*, de François Porcille, no qual o autor dedica parte significativa à *SMI*; além de biografias referenciais dos principais compositores

³ O presente artigo vem a ser segmento de uma investigação mais ampla intitulada “As Sociedades Musicais Francesas do início do século XX: ideologias e consequências. *Société Nationale de Musique - SNM, Schola Cantorum, Société Musicale Indépendante - SMI, Revista La Musique pendant la Guerre, Festival de La Musique Française e Ligue Nationale pour la défense de la Musique française*”, amparada pela FAPESP.

envolvidos dentre as quais menciono o texto de Marcel Marnat sobre Maurice Ravel, fundador da *SMI*.

Não existe uma data que precise a fundação da *Société Musicale Indépendante – SMI*. Uma carta de Maurice Ravel endereçada a Charles Koechlin em 16/01/1909 nos aponta como sendo o marco inicial para esse agrupamento.

Meu caro amigo,

Minha mudança de endereço é a causa de não ter recebido sua carta de segunda-feira. Você já deve então saber que não faço mais parte do comitê [referindo-se ao comitê da *SNM* do qual fazia parte], com exceção de Schmitt, perfeitamente homogêneo. As Sociedades, mesmo as nacionais, não fogem às leis da evolução. Somente somos livres de nos retirar. E foi o que fiz enviando, pelo correio, minha demissão de societário. Apresentei três obras de meus alunos, entre as quais uma particularmente interessante. Como as outras, esta foi recusada. Não oferecia as sólidas qualidades de incoerência e tédio batizadas pela *Schola Cantorum* de Coindreux e outros Crèvecoeurs⁴. Existiria uma forma de vos consolar? Eu empreendo formar uma nova sociedade, mais independente, pelo menos no início. Esta ideia seduz algumas pessoas. Você gostaria de ser um dos nossos? Neste caso seria útil que nos encontrássemos, seja na minha ou na sua casa. Se decidir, marque você mesmo um encontro. Apresente minhas respeitadas homenagens à Sra. Koechlin, cordialmente...

Maurice Ravel (ORENSTEIN, 1989, p. 101)

Em 1 de abril de 1910 é publicado pela revista *Le Mercure de France* um breve texto, sem nome de autor, que anuncia a chegada da nova sociedade. O texto, que inicia com uma crítica indireta à *Société Nationale de Musique - SNM*, expõe ainda seus objetivos e as motivações para sua criação; os nomes dos membros do comitê; endereço para as adesões, para os envios de manuscritos a serem avaliados e pedidos de execução; valor da cotização anual com direito a três lugares para cada concerto; a previsão de cinco concertos para a primeira temporada e ainda a data e local do concerto inaugural da *Société Musicale Indépendante – SMI*. Segue a tradução do texto em questão.

SOCIÉTÉ MUSICALE INDÉPENDANTE

Apesar dos progressos em relação ao gosto musical em nosso país e o número relativamente elevado de sociedades de concerto, a abundância e a variedade da produção musical contemporânea são tais que a criação de novos órgãos de difusão artística tornam-se cada dia mais necessários.

Sem desconhecer os preciosos serviços dedicados à nossa arte a partir de sociedades musicais ativas e dedicadas, é necessário lamentar que as mais promissoras entre elas não puderam escapar – ranço inevitável do sucesso – a uma certa especialização. Criar um meio livre onde todas as tentativas artísticas, sem distinção de gênero, de nacionalidade, de estilo nem de escola, serão bem recebidas, onde todas as forças de nossa jovem geração se unirão fraternalmente para colocar a disposição de todos os meios de execução mais perfeitos possíveis, seja música de orquestra ou de música de câmara, tal é o objetivo que se propõe atingir a *SOCIÉTÉ MUSICALE INDÉPENDANTE*.

⁴ A *Société Nationale* apresentou as obras de Pierre Coindreux e Louis de Crèvecoeur, compositores desconhecidos do meio musical parisiense, alunos de composição da *Schola Cantorum*, instituição de ensino musical privada, fundada por Vincent d'Indy, nome de peso dentro da *SNM*. No mesmo período *Temples*, primeiro dos *Études Antiques* para orquestra de Charles Koechlin seria recusado pelo comitê de leitura da *SNM*.

Procurando particularmente favorecer as mais jovens tendências e preparar o futuro, a *SOCIÉTÉ INDÉPENDANTE* não excluirá de seus programas as obras do passado as quais a revelação poderá ser interessante.

A administração artística da *SOCIÉTÉ INDÉPENDANTE* será assegurada pelo comitê, sob a presidência efetiva do Sr. Gabriel Fauré, Diretor do Conservatório.

O comitê:

GABRIEL FAURÉ, Louis AUBERT, André CAPLET, Roger DUCASSE, Jean HURÉ, Charles KOEHLIN, Maurice RAVEL, Florent SCHMITT, Emile VUILLERMOZ.

Secretário Geral: A-Z-MATHOT.

Enviar as adesões, as assinaturas, os manuscritos e os pedidos de execução ao Secretariado Geral da Sociedade, 11, rue Bergère, - Tel: 23431.

A cotização anual dos membros da Sociedade foi fixada a 30 francos, dando direito a 3 lugares para cada concerto.

Os cinco primeiros concertos para esta temporada serão dados alternadamente entre a Salle GAVEAU e a Salle ERARD. O primeiro concerto está fixado em 20 de abril, Salle GAVEAU.

Dentre o material de imprensa consultado, a coluna de Louis Vuillemin publicada pelo jornal *Comoedia* representou uma grande aliada da *Société Musicale Indépendante*. Vuillemin registrou os eventos mais importantes da SMI, assim como um breve artigo, intitulado *Une heureuse initiative artistique - La Société musicale Indépendante*⁵, publicado as vésperas do primeiro concerto da nova sociedade, no qual anuncia sua chegada e suas intenções, enfatizando a vocação desta no sentido de incentivar e divulgar a nova geração de compositores. Geração esta que estaria sendo ignorada pela *Société Nationale* por ter se transformado numa espécie de “sucursal”⁶ da *Schola Cantorum*, privilegiando os alunos formados pela doutrina de Vincent d’Indy em detrimento da nova geração de alunos saídos do Conservatório, entre os quais os fundadores da SMI. Charles Koechlin relembra o fato em texto encontrado em seu arquivo pessoal intitulado *Quelques souvenirs sur ma situation et mes activités dans le monde musical*⁷. O texto foi transcrito e traduzido a partir da versão datilografada (pelo próprio autor), está classificado como “*Ecrits autobiographiques*”, não está datado, tampouco paginado e a versão manuscrita conta 20 folhas⁸. Koechlin escreve no texto em questão: “E a *Nationale*, devo reconhecer, prestou os maiores serviços à música contemporânea francesa – até o dia em que ela se dedica mais particularmente em colocar a luz os músicos, de pouco brilho na verdade, que saiam da *Schola Cantorum*.”

Nesse sentido, segue o artigo de Louis Vuillemin apenas mencionado, *Une heureuse initiative artistique - La Société musicale Indépendante*, publicado pelo jornal *Comoedia* em 15 de abril de 1910.

Um acontecimento dos mais importantes acaba de acontecer. Sob o título de *Société Musicale Indépendante*, um grupo de jovens compositores, e não de menos, se esforça em direção a um

⁵ Uma feliz iniciativa artística – A *Société Musicale Indépendante*.

⁶ Termo usado por Charles Koechlin, referindo-se à *SNM*, no artigo *Souvenir sur Debussy, la Schola et la SMI*, publicado pela *Revue Musicale* em 1934 (ver Referências).

⁷ Algumas lembranças sobre minha situação e minhas atividades no mundo musical. Archives Charles Koechlin – ACK.

⁸ De acordo com o ACK os textos autobiográficos e de conferências de Charles Koechlin eram inicialmente manuscritos, o compositor os mantinha juntos a versão datilografada como suporte de referência.

objetivo de arte salutar e desinteressada. Importante insistir da forma mais precisa. Muito deploramos, durante estes últimos anos, o destino dos infelizes músicos – cheios de talento, sem dúvida – mas totalmente ignorados. Portanto, nenhuma solução de ordem prática interveio ainda em favor deles. Se realmente o mal existe, se realmente tantos músicos de valor dormem no silêncio e na poeira de muitas caixas abandonadas, é necessário e útil as tirar para fora. Esta é precisamente a missão que a *Société Musicale Indépendante* assinou.

Vir, em todos os sentidos, ajudar os compositores desconhecidos, revelar suas obras ao público susceptível para estabelecer e fortalecer sua reputação, este é o objetivo da *S.M.I.*

A nova Sociedade afirma uma liberdade de espírito absoluta. As preocupações estrangeiras a arte são rigorosamente proibidas [trecho extraviado, não foi possível a leitura do final desta frase].

Um nome glorioso entre todos, está aqui para afirmar a nobreza da *Société Musicale Indépendante*, o de seu eminente presidente Sr. Gabriel Fauré. Ao lado do Mestre, o qual podemos dizer que é, entre os jovens os Srs. Louis Aubert, André Caplet, Roger Ducasse, Jean Huré, Charles Koechlin, Maurice Ravel, Florent Schmitt, Emile Vuillemoz, todos artistas novos, sensíveis e sinceros, se revelarão. O que dizer? Eles já se revelam, o Sr. A. Z. Mathot assume as múltiplas funções e ingratas de secretário geral, com o cuidado que seu nome por si só é suficiente para desfrutar.

Grandes concertos, com orquestra e de música de câmara serão dados em datas já fixadas, nas mais importantes salas de Paris. O primeiro desses concertos foi fixado para o dia 20 do mês corrente. Publicaremos posteriormente o programa.

E agora saudemos a chegada da *Société Musicale Indépendante* onde os próximos e triunfantes eventos permitirão aos músicos realmente livres de desabrochar enfim livremente.

L. Vuillemin (VUILLEMIN, 1910, p. 2)

Três dias após a publicação de Vuillemin é a vez de Charles Tenroc⁹ se manifestar, este porém a favor da *Société Nationale de Musique*, e registrar suas impressões sobre a chegada da *Société Musicale Indépendante*. O texto, também publicado pelo jornal *Comoedia*, intitulado *M. Vincent d'Indy nous parle de la SMI*¹⁰, relata sobre os rumores causados pelo acontecimento e acusa o grupo *SMI*, “todos crescidos nas mamadeiras da *nationale*” de formar “um obscuro projeto para perturbar a velha capela”. Acusa ainda Gabriel Fauré, um dos fundadores da *Société Nationale*, de a repudiar publicamente ao aceitar a presidência da *SMI* e que a teria feito por estar “com ciúmes da concorrência do conservatório da rua Saint-Jacques [endereço da *Schola Cantorum*] e dos louros da *Schola*”. O autor do artigo transcreve ainda as palavras de Vincent d'Indy, que se pronuncia de maneira desinteressada sobre a fundação da nova associação e a ruptura de seus membros fundadores com a *Nationale*. Segue o artigo de Tenroc.

O Sr. Vincent d'Indy nos fala da *S.M.I.* – *Comoedia* anunciou o nascimento da *Société Musicale Indépendante* e sua primeira manifestação para a próxima quarta-feira. Este nascimento não aconteceu sem causar rumores no meio musical. Desde a concepção da *S.M.I.*, reconhecemos que os promotores, quase todos crescidos nas mamadeiras da *nationale* formaram um obscuro projeto para a perturbar, e fazer da velha capela formada por Saint-Saëns, César Franck, Massenet, Dubois e Gabriel Fauré em 1871, uma concorrência desleal; Demets falava da ingratidão dos jovens; diziam que uma divisão tinha sido organizada entre os discípulos cegamente ligados a escolástica de V. d'Indy e os que, pessoalmente, queriam caminhar na vanguarda do movimento moderno; insinuava-se que Ravel havia ruidosamente entregue sua demissão, furioso pela reprovação de um de seus alunos e teria reunido os descontentes junto a ele; que G. Fauré, um dos fundadores da *Nationale*, a repudiasse publicamente, com ciúmes da

⁹ Crítico defensor da *SNM*.

¹⁰ O Sr. Vincent d'Indy nos fala da *SMI*

concorrência do conservatório da rua Saint-Jacques e dos louros da *Schola*; em uma palavra, sugeriu-se que a *Nationale* teria se transformado num feudo e que pelo interesse da liberdade da arte seria útil que esta recomeçasse.

Era então necessário ter a boa fonte de informações que pudesse colocar as coisas no lugar.

Com sua amabilidade costumeira, o Sr. Vincent d'Indy, ilustre diretor da *Nationale* e da *Schola* nos recebeu entre dois de seus admiráveis cursos aos quais o mestre se consagra com uma fé ardente e uma elevada dedicação, seus olhos cheios de fineza, seu sorriso malicioso dizendo:

“Eu ignoro todos esses rumores de revolta, disse ele; eu não tenho tempo de ler os jornais: eu ignoro até mesmo a existência desta nova Sociedade... o que eu sei? Além disso, o fato não tem nenhuma importância e pode apenas produzir bons efeitos; mais fundaremos concertos, mais a arte se beneficiará e mais poderemos nos alegrar.

É natural que os compositores empreguem os meios para obterem sucesso e não podemos culpá-los – mesmo quando eles nos deixam.

“Quanto a uma ruptura qualquer, eu não sei de nada e nada escutei dizer... Eu sei que o Sr. Ravel entregou sua demissão, a bastante tempo já, do Comitê da *Nationale*; é seu direito. O Sr. Florent Schmitt continua fazendo parte; o Sr. Huré nunca fez... E depois? A *Nationale* nunca esteve melhor e se ela foi visada, tenho certeza que sua prosperidade não poderá ser atingida; se a música estrangeira é acolhida [pela *Nationale*] de forma restrita, eu imagino que nossos jovens compatriotas não podem se queixar, além disso ela acolhe sem preconceitos todas as novas obras bem realizadas. As fofocas não têm nenhuma importância; nós seguimos o caminho glorioso que nos traçaram nossos antecessores e espero dirigir por muito tempo ainda os destinos desta bela associação com a mesma convicção que eu tive a honra de o fazer há mais de vinte anos desde a morte de César Franck.”

Um grande número de jovens esperava pelo mestre que em seu sincero apostolado não comercializa nem seu tempo nem seu talento: ele desaparece, enquanto espessas sonoridades de órgão sobrevoavam as galerias do antigo convento da *Schola Cantorum*.

Nos resta somente desejar boa sorte à *S.M.I.*, à sua noite de abertura onde não será banal de ver e escutar Debussy importunado por Ravel.

Ch. TENROC (TENROC, 1910, p.4)

Naturalmente Gabriel Fauré teria, com o texto de Tenroc, direito a réplica e, em artigo ironicamente intitulado *En absence du Directeur du Conservatoire M. Gabriel Fauré nous parle de la S.M.I.*¹¹ (Fauré era o então diretor do Conservatório) defende-se das acusações feitas a ele e a *S.M.I.* O texto foi publicado pelo jornal *Comoedia* em 20/04/1910, dia em que a *S.M.I.* realiza seu primeiro concerto, alimentando ainda mais a polêmica entre as associações.

Interrogado sobre a *Société Musicale Indépendante*, o Sr. Vincent d'Indy, ilustre diretor da *Schola Cantorum* e da *Société Nationale*, revelou, antes de ontem, algumas declarações importantes – e diretas - que *Comoedia* [o jornal] apressou-se em publicar.

Acredito, que seria respeitoso e interessante perguntar ao Sr. Gabriel Fauré, diretor do Conservatório Nacional seu sentimento sobre o assunto. Nos parece realmente necessário buscar a melhor fonte, as informações susceptíveis de colocar as coisas em ordem?

Com sua afabilidade habitual o Mestre me recebeu entre dois ensaios de suas classes de câmara nas quais proporciona uma importante preocupação artística. As primeiras palavras, seus olhos maliciosos, seu sorriso cheio de finesa constituíram já a mais eloquente resposta.

Ah bah! Ele faz, como se tudo o que tivéssemos a dizer fosse divertido. O Sr. Gabriel Fauré olha seriamente para o relógio – São quatro horas e vinte cinco minutos. O diretor do Conservatório tem o hábito de partir as quatro horas. Eu lamento. Teria sido divertido conhecer a autoridade musical contra qual ele seria pronto a se revoltar. Seu discurso conservatorial não tem nada a temer desta sombra que derrama sobre a *rive gauche*, o majestoso louro da Rue Saint-Jacques [endereço da *Schola Cantorum*]. Eu não posso – por causa de quinze minutos – vos dar apenas minha opinião pessoal. Ela é a de um músico inteiramente livre,

¹¹ Na ausência do Diretor do Conservatório Sr. Gabriel Fauré nos fala da *S.M.I.*

estrangeiro, já a muito tempo, dos destinados da *Société Nationale*. Em qualidade de antigo fundador, estou feliz, acreditem, de saber que ela nunca esteve tão bem. No que diz respeito a *Société Musicale Indépendante*, mal posso conceber que ela possa fazer concorrência com quem quer que seja. Seu programa, perfeitamente eclético, não permitiria. E ainda: concorrência! Este não seria um termo admissível em matéria de arte.

A ingratidão dos jovens! E a dos velhos então! Efetivamente, todas estas histórias de rompimentos, de discípulos, de escolásticos [referindo-se aos alunos da *Schola Cantorum*], não vos parece completamente desinteressantes? Aqui vocês sabem, pretendemos nos ocupar exclusivamente de música. É nossa única preocupação. Mais sociedades animadas pelo mesmo objetivo se desenvolverão, mais a arte se beneficiará e mais nós teremos a nos alegrar. No mais, foi com grande satisfação que aceitei presidir os trabalhos de um novo comitê no qual tenho a mais inteira confiança e onde encontro, ao mesmo tempo apenas antigos alunos e fiéis amigos. (...)

Existe em Paris, senhores, um único conservatório, este fica na Rue Faubourg-Poissonière, n. 15 [endereço do Conservatório Nacional]. Eu definitivamente não conheço este do qual vocês falam [referindo-se a *Schola Cantorum*]. Talvez procurando entre os músicos da província...”

Louis Vuillemin (VUILLEMIN, 1910, p. 1-2)

Assim, idealizada e liderada por Maurice Ravel a presidência da *Société Musicale Indépendante* seria estrategicamente confiada a Gabriel Fauré, na época professor de composição do Conservatório e, juntamente com seus discípulos, Charles Koechlin, Louis Aubert, Roger Ducasse, Emile Vuillermoz e os críticos Louis Laloy, Louis Vuillemin e Jean Marnold lutariam por uma maior abertura de espírito e para que a música francesa refletisse as tendências de uma época e pudesse igualmente conhecer as tendências musicais vindas de outras culturas, contrariando os princípios da *Société Nationale* que priorizava os compositores contemporâneos franceses. Certamente a nomeação de Gabriel Fauré como presidente da SMI seria questionável, uma vez que continuava como membro da *Société Nationale*. Possivelmente Fauré com essa nomeação e seu duplo envolvimento pretendeu declarar seu descontentamento com o funcionamento da SNM aliada a *Schola Cantorum*, pois conforme vimos no artigo de Vuillemin, Fauré a desconsiderava como instituição de ensino. O mesmo pode ser confirmado pelas palavras de Charles Koechlin em seu texto *Quelques souvenirs sur ma situation et mes activités dans le monde musical*¹²: “Fauré sabia muito bem que conspirávamos contra a *Schola* que não gostava e que certamente julgava perigosa para a Nacional. Quando nos reunimos em seu escritório diretorial do Conservatório (ele acabava, em 1906, de ser nomeado) ele nos diz “de fato eu acho que conspiramos.””

Porém, conforme relata Charles Koechlin no texto em questão, a nomeação de Fauré à presidência da SMI teria para o grupo uma conotação política e sua presença nas atividades do comitê meramente figurativa. Koechlin escreve: “Convidamos Fauré para ser o presidente da nova sociedade, e Fauré – que não sabia recusar nada – aceita, porém mantendo fortes laços com os da Nacional (na

¹² Algumas lembranças sobre minha situação e minhas atividades no mundo musical. Arquivos Charles Koechlin - ACK.

realidade ele dá apenas seu nome à *SMI*, e nunca apareceu nas sessões do comitê)”¹³.

Claude Debussy (1862-1918) também seria convidado à participar da nova sociedade, que daria em primeira audição inúmeras de suas obras. Koechlin escreve: “Debussy, pelo qual temos todos a maior simpatia (e a *SMI* era um pouco *S.A.D Société de l’Art Debussyste*) fica de fora; imagino que ele tenha preferido não fazer parte do comitê se não pudesse ter a presidência”¹⁴.

Apesar da *Société Musicale Indépendante* ter sido formada por dissidentes da *Société Nationale de Musique* o modo de funcionamento da nova sociedade será baseado na sua rival. Conforme relata Koechlin, um comitê de leitura selecionava as obras a serem apresentadas em sua programação.

Eu fazia então parte do comitê da *SMI*, (eu havia pedido demissão da *Nationale*). Devo confessar que de modo geral o comitê pouco me escutava, penso eu. Gostaria de programas melhor elaborados, e um comitê de leitura mais compreensivo. Desejaria que por revezamento cada membro do comitê organizasse um concerto e decidisse o programa; mas a decisão permanece (e não discutimos a decisão) do comitê de leitura, o qual se mostra às vezes inclinado a acolher obras sem interesse, mas “bem feitas”, e outras vezes obras bastante severas por serem estranhas, porém mais pessoais e interessantes.¹⁵

Segundo o Estatuto da *Société Nationale de Musique*, três membros de seu comitê eram renovados a cada ano, padrão que não seria seguido pela *SMI*. De acordo com a análise dos programas de concertos da *Société Musicale Indépendante*, o comitê inicial permanece praticamente o mesmo até o seu desaparecimento em 1935. Possivelmente, o envelhecimento conjunto desse grupo diretorial seria um dos motivos que levaria a extinção da sociedade. Koechlin questiona sobre o assunto:

Durante a guerra de 1914-1918, onde imediatamente após irá se desencadear o movimento dos Seis, era então que a *SMI* deveria acolher com os braços abertos Milhaud, Satie, Honegger, em seu comitê, e rejuvenescer o sangue. Mas a parte Roussel e eu, os membros do comitê se mostraram hostis em relação aos novos jovens.¹⁶

Portanto, ainda a partir dos programas de concertos da *SMI*, é possível observar que, apesar desse comitê fundador não se renovar ele irá agregar novos membros. A associação, que tem seu início com um comitê de 8 membros (a parte o presidente e o secretário geral) conta, em 1918, com 15 membros. Teremos assim, além dos nomes relacionados anteriormente, a presença dos compositores Gabriel Grovlez (1879-1944), Desiré-Émile Inghelbrecht (1880-1965), Léon Moreau (1870-1946), Léo Sachs (?), René Chalupt (1885-1957, na função de secretário geral) e ainda, diferenciando-se radicalmente de sua rival, a presença de membros compositores estrangeiros, o italiano Alfredo Casella

¹³ ACK, *ibid.*

¹⁴ ACK, *ibid.*

¹⁵ ACK, *ibid.*

¹⁶ ACK, *ibid.*

(1883-1947) e os espanhóis Manuel de Falla (1876-1946) e Joaquín Turina (1882-1949).

A partir de 1921, a presença cada vez mais significativa de compositores estrangeiros agregados ao comitê seria certamente o motivo que levaria a criação de um comitê estrangeiro. Com a morte de Gabriel Fauré, em 4 de novembro de 1924, Maurice Ravel assume a presidência da SMI e a partir daí veremos o comitê se dividir em: ‘comitê de direção’ e ‘comitê estrangeiro’. Além dos membros mencionados anteriormente teremos, a chegada ao ‘comitê de direção’ (formado apenas por compositores franceses) de Philippe Gaubert (1879-1941), Arthur Honegger (1892-1955), Jacques Ibert (1890-1962), Léon Moreau (1870-1946), Albert Rousseau (1869-1937) e Nadia Boulanger (1887-1979). O ‘comitê estrangeiro’ será formado por Béla Bartók (1881-1945), Alfredo Casella, Georges Enesco (1881-1955), Blair Fairchild (1877-1933), Manuel de Falla, Eugene Goossens (1893-1962), Joseph Jongen (1873-1953), Arnold Schoenberg (1874-1951), Igor Strawinsky (1882-1971), Karol Szymanowski (1882-1937), Joaquín Turina e Charles Kiesgen (?) como secretário geral do grupo em questão. No texto referencial de Charles Koechlin¹⁷, o compositor nada menciona sobre a presença de todos os membros inscritos nas sessões de leitura do comitê, porém deixa claro que as decisões eram tomadas por ele mesmo, Nadia Boulanger, Léon Moreau, Maurice Ravel, Louis Albert (1840-1910), Florent Schmitt, Albert Roussel e Léo Sachs.

Assim como a *Société Nationale*, para que um compositor pudesse submeter uma de suas composições à avaliação do comitê de leitura da SMI, esse deveria inicialmente estar inscrito e em dia com a cotização da associação, que abre suas portas em 1909 com uma anuidade de **30 francos** dando direito ainda a “3 entradas para cada concerto” (ver as informações e condições de adesão da associação no texto de abertura da SMI traduzido anteriormente).

Porém ao contrário da *Société Nationale*, a SMI precisou durante todo seu percurso lutar com grandes dificuldades para se manter. A *Société Musicale Indépendante* nunca recebeu nenhum tipo de ajuda do Estado, contrário a SNM que a partir de seu segundo ano de existência, já em 1873, passa receber anualmente uma subvenção do Estado, subvenção esta que seria interrompida apenas durante os anos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Nesse sentido, a cobrança de uma cotização superior a de sua rival – de sua fundação até 1914 a cotização da SNM foi acrescida de 24 para 25 francos anuais (BnF Rés. 2483 (3)) – seria uma forma de arrecadação mais substancial por parte dos societários, que constituíam a única fonte de renda da associação. Esse modo de funcionamento obrigatório à sua manutenção mostrou-se em alguns momentos falho, no sentido de que a SMI era muitas vezes obrigada a aceitar a filiação de compositores-mecenas, dispostos a apresentar suas obras na programação da associação, obras que na maioria das vezes não teriam a unanimidade do comitê de

¹⁷ ACK, *ibid.*

leitura. Koechlin menciona o nome de Léo Sachs como sendo um dos exemplos de compositores-mecenas associados a *SMI*. Ele escreve:

Porém, ao longo do tempo, a *Société Musicale Indépendante* infelizmente deixou de ser independente. O dinheiro estava faltando, cada vez mais; aceitamos o apoio eventual de Léo Sachs, músico honorável, dotado, mas sem qualquer personalidade, comerciante de profissão em pérolas finas, e muito rico. Mas seu apoio foi pago, assim algumas vezes colocamos Léo Sachs nos programas.¹⁸

Outro fato lembrado por Koechlin nesse sentido seria uma espécie de favorecimento às obras do editor-compositor Jacques Durand, o qual a editora patrocinava e publicava vários dos compositores membros da *SMI*. Charles Koechlin escreve:

Enfim, a *SMI*, às vezes se transformava um pouco em “Société Durand”, porque contávamos no comitê Ravel, Louis Albert, Florent Schmitt, Roussel [esses compositores tinham um contrato de exclusividade com as *Editions Durands*]; a tal ponto que aceitamos “porque isso o agradaria”, executar uma obra qualquer de Jacques Durand, e um dia aconteceria uma bela confusão: de fato, Nadia Boulanger, Léon Moreau e eu, recusamos 3 melodias humorísticas que nos pareceram insignificantes. Elas eram de P.O. Ferroud! Eu não sabia quem era Ferroud, (e se soubesse isso não teria mudado minha forma de ver as coisas).

Ferroud gozava de uma alta consideração na casa editora Durand; aluno de F. Sch. [Florent Schmitt], amigo de Louis Aubert, ele era para eles um personagem considerável. E eis que nós o recusávamos na *SMI*. Escândalo! Os “durandistas” exigiram uma nova sessão do comitê, com a revisão de nosso julgamento. E assim admitimos as melodias de Ferroud.

Eu deveria ter entregue minha demissão, pois tais procedimentos eram absolutamente inadmissíveis. Mas tinha, talvez, algo de pessoal, e eu não queria abandonar a *SMI*.

Ela navega sobre as ondas ainda por algum tempo, nossa pobre *SMI*. Mas não há nada a dizer: uma sociedade vale somente pelo valor das obras que executa. Se ela começa fazer concessões, ela está perdida.¹⁹

Um documento encontrado no fundo de arquivo Charles Koechlin confirma as dificuldades financeiras enfrentadas pela *SMI*. Uma carta de Émile Vuillermoz datada de 18/07/1912, endereçada a Charles Koechlin nos revela que a precária situação da sociedade provocou tensões entre os membros do grupo e que, assim como Vuillermoz, possivelmente muitos deles ajudariam a associação com empréstimos em dinheiro.

Prezado amigo

Eis uma primeira prestação de contas de 1100 francos referente aos 6000 que vos deve a *SMI*. Os outros pagamentos serão efetuados no decorrer das férias.

Estou com falta de tempo para vos explicar a luta travada para salvar a *SMI* apesar de seu comitê no qual se multiplicam os traidores. É desencorajador!

Assim mesmo tivemos um feliz resultado e estamos salvos e assegurados com nosso orçamento para o próximo ano. Mas a luta foi quente!

Na pressa, votos de mil lembranças boas. Obrigado ainda por vosso belo gesto que me emocionou infinitamente, e cordialmente vosso

¹⁸ ACK, *ibid.*

¹⁹ ACK, *ibid.*

A programação da *Société Musicale Indépendante* foi bastante irregular. As temporadas de concertos aconteciam de janeiro a junho (algumas temporadas tiveram seu início em dezembro) e, de seu início até a Grande Guerra, o número de concertos organizados oscilaram de 12 (em 1914, número particularmente excepcional para o período) a 1 (no ano de 1915). Em 1916, os eventos relacionados a guerra, entre os quais a mobilização em massa dos franceses, ocasionaram a paralização em todo tipo de programação cultural e assim como a SMI todas as sociedades de concertos tiveram suas atividades suspensas.

A declaração da guerra trouxe à tona rivalidades acumuladas entre a França e a Alemanha, influenciando todo o universo cultural. Os franceses, inconformados desde a humilhante derrota na Guerra Franco-Prussiana de 1870, cultivaram um forte sentimento de vingança em relação aos alemães, levando toda uma geração nascida entre 1870 e 1900 aos campos de batalha. A maioria dos compositores se ofereceu espontaneamente ao fronte e as atividades musicais de Paris que no início do século havia se tornado a grande capital cultural da Europa diminuiriam consideravelmente. Os anos da guerra, e os que a precederam, tiveram como consequência, um nacionalismo crescente²¹. Uma série de medidas protecionistas seria tomada pela França durante os anos do conflito, dentre as quais a proibição de execução de obras de compositores alemães e a retirada de todas as edições de partituras alemãs do mercado²², para que não houvesse nenhum material de edição germânica em uso na França. A criação de uma liga anti-germânica, a *Ligue Nationale pour la défense de la musique Française* (tendo na direção vários membros da SNM) seria responsável por controlar tais medidas. Com o final da guerra é possível observar uma intensa retomada das atividades da SMI, assim como o retorno de compositores germânicos em sua programação, e uma média de dez concertos anuais seriam realizados. O livro “Obras de Guerra – a produção musical francesa durante os anos da Primeira Guerra Mundial” de minha autoria, trata com maior profundidade sobre o nacionalismo na França no período em questão.

A contribuição da SMI à música sinfônica foi visivelmente inferior à da SNM. Certamente as dificuldades financeiras enfrentadas pela associação seriam determinantes à essa constatação, e durante sua existência apenas 4 concertos seriam dedicados à produção sinfônica (09/06/1910, 07/06/1911, 14/06/1912 e 17/06/1912), todos sob a direção de Desiré-Émile Inghelbrecht. Pelas datas desses eventos, nota-se que a intenção da SMI seria a mesma de sua rival, ou seja, concluir suas atividades

²⁰ Carta de Émile Vuillermoz endereçada a Charles Koechlin datada de 18/07/1912. ACK.

²¹ Menciono, nesse sentido, o “Caso Dreyfus” que dividiu intelectuais e artistas, entre os quais Maurice Ravel e Claude Debussy, diante da condenação por traição, forjada por documentos falsos, de Alfred Dreyfus em 1894, então oficial do exército francês e de origem judaica. O processo seria acobertado por uma onda de nacionalismo e xenofobia, cercado por uma grande polêmica e alimentada por partidários radicais até as vésperas da Grande Guerra.

²² O editor Jacques Durand, com a colaboração de vários compositores, realiza um trabalho de revisão dessas partituras.

anuais com um concerto sinfônico²³.

Assim, a música de câmara constitui o essencial de sua programação. As formações nela apresentadas seguem, de modo geral as mesmas apresentadas pela *SNM*, ou seja: sonatas para piano em duo com outros instrumentos (violino, violoncelo, flauta, etc.), obras para piano solo e a 4 mãos, quartetos de corda, trios, quartetos e quintetos para cordas com piano mas também melodias para voz e piano. É possível observar ainda uma atenção especial às formações menos tradicionais como exemplo menciono a transcrição de Charles Koechlin para as *Deux Pièces Javanaises* do Sultanato de Yoggakarta dada em primeira audição em 04/05/1910 (2º Concerto da *SMI*), idealizada para flauta, piccolo, violino, celesta, harpa, xilofone, órgão, gongo, tímbalos, triângulo e piano; o *Septuor* para cordas vocais e instrumentais de André Caplet dado em primeira audição no concerto de abertura da *SMI*, em 20/04/1910; os *Trois Poèmes de Stéphane Mallarmé* de Maurice Ravel para duas flautas, dois clarinetes, quarteto de cordas piano e voz, dada em primeira audição em 14/01/1914 sob a direção de Desiré-Émile Inghelbrecht; entre outros.

Apesar de toda a problemática aqui levantada, a estética defendida pela *SMI* foi a de uma total abertura à toda forma de pesquisa em matéria de linguagem musical. Uma análise da programação nos permite observar que a seleção das obras apresentadas segue um critério segundo uma orientação estética definida por seus fundadores e simpatizantes, reunindo obras dos mais variados períodos e culturas, enfatizando a produção de seus contemporâneos porém sem distinção quanto a nacionalidade. Se algumas dessas obras apresentadas parecem conservar uma linguagem tonal inserida em uma estrutura formal tradicional, outras exploram novos sistemas atonais e de estruturas, nas quais uma ruptura com qualquer tipo de esquema herdado do século XIX parece evidente. Sobre os fundamentos defendidos pela *SMI*, Charles Koechlin declara em seu texto de conferência intitulado *Société Nationale – Schola Cantorum – SMI* que os princípios da nova sociedade “consistem em procurar uma verdade de expressão junto a liberdade da forma em relação as regras e aos usos, - com o respeito absoluto ao instinto musical. É isso justamente o essencial do que nós chamamos de independência” (KOECHLIN, 1916). Segue a foto do grupo fundador da *Société Musicale Indépendante* publicada pela *Revista Musica* em junho de 1910.

²³ Na Europa o calendário das temporadas artísticas seguem o mesmo do ano letivo escolar, ou seja, iniciam-se em setembro e encerram-se em junho, antes das grandes férias de verão. No caso da *SMI*, conforme mencionado as temporadas de concertos aconteciam de janeiro a junho (algumas temporadas tiveram seu início em dezembro).

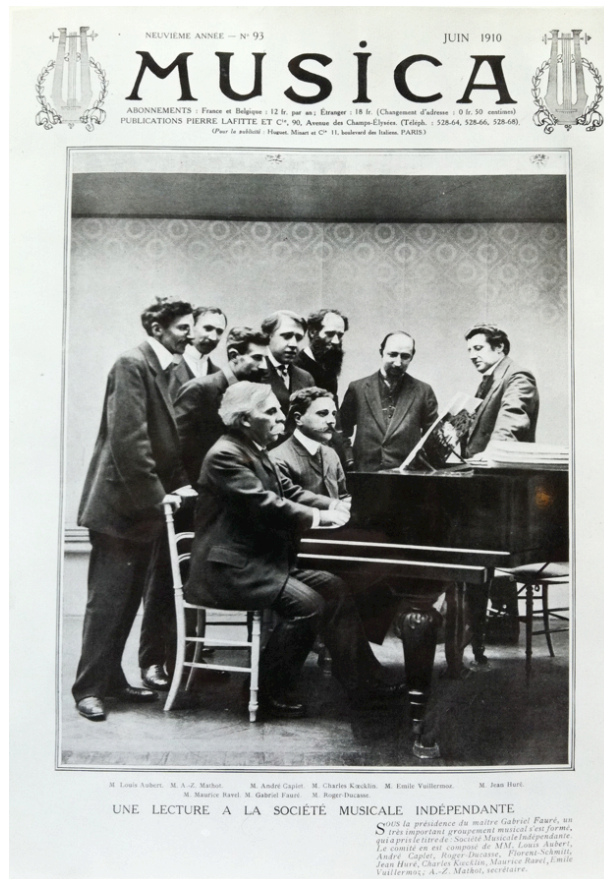


Fig. 1 - “Une lecture a la Société Musicale Indépendante?”. Paris: Música, 9, 93 (junho de 1910)²⁴

A primeira temporada da *Société Musicale Indépendante* - SMI deveria mostrar a que veio, e mostrou. A diversidade dos compositores e obras apresentadas confirmam, nos cinco concertos que formaram a primeira temporada da associação²⁵, a abertura de espírito e o interesse à toda forma de pesquisa em matéria de linguagem musical – independente de período e/ou cultura -, ideologias pregadas desde o anúncio de sua criação. Motivo que teria causado uma recepção rumorosa por parte do público e uma apreciação não muito favorável por parte da imprensa em relação à algumas das composições apresentadas pela SMI.

De acordo com a documentação da imprensa analisada, o primeiro concerto da SMI, que aconteceu na *Salle Gaveau* em 20 de abril de 1910 às 21hs e formado inteiramente por composições inéditas foi um enorme sucesso. O programa foi assim formado pelos seguintes compositores, obras e intérpretes:

1. Franz Liszt - Transcrição para piano a quatro mãos do *Chœurs des faucheurs* tirado da ópera *Prométhé* (1ª audição), Louis Aubert e Florent Schmitt - piano;

²⁴ Na foto Gabriel Fauré ao piano e os fundadores da SMI. Em pé, da esquerda para a direita Louis Aubert, A. Z. Mathot, André Caplet, Charles Kœchlin, Emile Vuillermoz, Jean Huré. Inclinado em direção a partitura Maurice Ravel e sentado ao lado de Fauré o compositor Roger Ducasse.

²⁵ 20/04/1910; 04/05/1910; 18/05/1910; 25/05/1910 e 09/06/1910 este último dedicado à produção sinfônica.

2. Maurice Delage – *Trois Mélodies: Intermezzo, Du livre Monelle e Améthistes* (1ª audição), Stéphane Austin – voz e Marcel Chadeigne - piano;
3. Zoltán Kodaly – *Six pièces*, para piano solo: *Andante poco rubato, Andante Appassionato, Allegretto scherzando, Moderato triste, Comodo burlesco* (1ª audição), Théodor Szanto - piano;
4. Roger Ducasse – *Pastorale*, para órgão (1ª audição), Alexander Guilmant - órgão;
5. Claude Debussy – *D'un cahier d'esquisses*, piano solo (1ª audição), Maurice Ravel - piano;
6. Gabriel Fauré – *La Chanson d'Eve*, ciclo de 10 peças para voz e piano (1ª audição), Jeanne Raunay – voz e Gabriel Fauré – piano;
7. Maurice Ravel – *Ma Mère l'Oye* - Cinco peças infantis para piano a quatro mãos (1ª audição), Christiane Verger (6 anos) e Germaine Durouy (10 anos), piano;
8. André Caplet - *Septuor* (1º Movimento), para cordas vocais e instrumentais (1ª audição), Mellot-Joubert, Jeanne Loth, Chadeigne – voz e o Quarteto Géloso.

Em 21 de abril de 1910 o jornal *Comoedia* publica um breve artigo, de autoria de Louis Vuillemin, no qual relata sobre a noite de estreia da *SMI*. Em uma analogia com a chegada de um recém nascido, Vuillemin inicia seu texto com as seguintes palavras: “A *Société Musicale Indépendante* soltou ontem a noite seu primeiro grito. E bem! Declaremos sem medo que o recém nascido está se saindo muito bem”. Segundo ele a presença massiva e rumorosa de militantes da *Schola Cantorum* teria causado “certa pressão”, mas também colaborado para o sucesso da estreia. O autor não faz uma crítica detalhada de cada obra, faz apenas comentários superficiais sobre os compositores executados e aponta a *Chanson d'Eve* de Gabriel Fauré como sendo o ponto alto da noite. Porém, o foco do texto vem a ser a presença dos “adversários da *SMP*” que segundo ele poderiam ter sido poupados de “um início tão excepcional”. Segue na sua integral o artigo *Le Premier Concert de la S.M.I.* de Louis Vuillemin publicado pelo *Comoedia* em 21 de abril de 1910.

A Société Musicale Indépendante soltou ontem a noite seu primeiro grito. E bem! Declaremos sem medo que o recém nascido está se saindo muito bem. E promete ser particularmente viável, se julgarmos por seu vigor e decisão em seu primeiro gesto.

O público compareceu em massa para a ver nascer. Massa curiosa, simpática. Não poderíamos imaginar como a noite se prolongou ao analisar os detalhes dos diferentes momentos. Voltaremos amanhã mais a vontade.

Digamos que no entanto nada faltou à consagração da *SMI*. Nada, nem mesmo alguns assobios e algumas risadas. As peças para piano, particularmente audaciosas, de Zoltan Kodally, foram o pretexto. Ninguém será surpreendido ao saber que elas foram um pouco premeditadas, e que a presença dos principais militantes da *Schola Cantorum* causavam certa pressão. Talvez tivesse sido melhor, poupar aos irreduzíveis adversários da *SMI* um início tão excepcional. Mas os *scholistas* definitivamente não estão habituados a extrair das fontes palestrinianas as sutilidades da tática. Portanto, para ser sincero, eles contribuíram ao sucesso desta *première* memorável, na mesma proporção em que se mostraram inexoráveis.

Sem dúvida, eles foram cruelmente punidos ao mais absoluto silêncio ao serem diminuídos pelo triunfo de *Chanson d'Eve*. O entusiasmo foi imenso. Com pedidos de bis, de chamados, e

sobre tudo uma emoção unânime, celebraram a beleza, alternadamente, profunda, sutil, perturbadora, altamente inspirada, desta obra magistral a qual podemos dizer ser a irmã da *Bonne Chanson*.

A Sra. Raunay interpreta de uma maneira maravilhosa, de pura e grande artista. E a noite acaba no tumulto de calorosas aprovações ao mestre Guilmant, à Maurice Ravel, às suas pequenas intérpretes e à André Caplet, cujo sexteto merece um comentário mais longo.

Diante do número considerável de emigrados da Rue Saint-Jacques, aglomerados, ontem na *Salle Gaveau*, podemos nos perguntar com ansiedade, em presença de que público se desenrolou a manifestação da *rive gauche*.

L. VUILLEMIN (VUILLEMIN, 1910, p. 3)

Um pouco mais objetivo o texto de François de Marsens, intitulado *Société Musicale Indépendante - Primeiro Concerto*, publicado pelo *Le Courier Musical* em 15 de maio de 1910, este realmente de cunho crítico em relação as obras apresentadas. Assim como Vuillemin, Marsens confirma o sucesso da noite de estreia da SMI e a presença de um público numeroso, porém não faz nenhuma menção sobre a presença marcante de membros da *Schola Cantorum*. Segundo Marsens todo esse movimento atual deriva do mestre Gabriel Fauré que apresentou ao lado de Jeanne Raunay o elogiado ciclo *La Chanson d'Eve*. Para ele Fauré seria o único compositor a não se submeter a uma fórmula de composição, apontando alguns compositores que estariam se servindo desse procedimento, fato que para ele significaria “a morte da arte”. Sobre as melodias de Maurice Delage, as peças para piano de Zoltan Kodaly, o sexteto para cordas vocais e instrumentais de Caplet sua opinião é que “são prodigiosamente hábeis, certamente muito divertidas no papel, facilmente escritas, engraçadas mas definitivamente não soam bem, são duras e o efeito desastroso”. Ao sexteto de Caplet o autor aponta ainda uma lista de procedimentos adotados pelo compositor que o levaram a criar uma obra que “não acrescenta em nada à pesquisa sonora e mata a inspiração”. Porém, para Marsens, após o mestre Fauré, o triunfo da noite seria do discípulo e idealizador do projeto *Société Musicale Indépendante*, o compositor Maurice Ravel, e coloca as cinco peças infantis *Ma mère l'Oye* para piano a quatro mãos como pequenas obras primas, as comparando com as *Cenas Infantis* de Schumann. Marsens deixa ainda sua opinião em relação as obras de Ducasse e Liszt. Segue o texto integral de François Marsens sobre o Primeiro Concerto da *Société Musicale Indépendante*.

Société Musicale Indépendante

Primeiro Concerto - O público presenciou numeroso ao primeiro concerto da SMI. Este concerto foi um grande sucesso. Nada faltou nem mesmo algumas vaias e algumas risadas de rigor e que consagraram *La Chanson d'Eve* de Fauré, admiravelmente cantada pela Sra. Raunay, e que foi para o Diretor do Conservatório a ocasião de um triunfo. *La Chanson d'Eve* é a irmã de *La Bonne Chanson*, tão musical, tão poética, tão nossa contemporânea por seu vestido, de uma linha tão pura, de uma emoção tão inquietante. Nossos jovens tem razão de colocar a associação sob o vocal deste mestre, de onde deriva, sem parecer, todo o movimento atual, o único que não se submeteu a uma fórmula.

O que é encantador, estranho, adorável em Debussy é irritante em Delage por exemplo e tenso em Kodaly. Não faz sentido ser moderno, ser d'Indysta ou Debussysta da forma como somos Brahmistas ou como fomos Wagnerianos. Ser isso ou aquilo é se servir de tal ou tal fórmula, e a morte da arte. Quando exploramos isso, necessariamente exageramos, demasiadamente, e o

resultado é uma virtuosidade de escritura sem sentido e ao mesmo tempo uma insuficiência de competência. As melodias de Maurice Delage, as peças para piano de Zoltan Kodaly, o sexteto para cordas vocais e instrumentais de Caplet são prodigiosamente hábeis, certamente muito divertidas no papel, facilmente escritas, engraçadas mas definitivamente não soam bem, são duras e o efeito desastroso. Entre o cérebro do compositor e o meu coração existe um buraco que a obra não consegue preencher. Azar o meu. A ideia do sexteto de Caplet é nova, interessante, talvez fecunda. As vozes cantam sobre as vogais puras que são lindamente tratadas. Estou contente de ver o Sr. Caplet retomar em seu benefício os princípios do *Bel Canto* italiano. Se isso pudesse recuperar a vitalidade da arte do canto que parece morrer! Mas o quarteto é atroz. Existe uma desproporção entre o trio vocal e o quarteto instrumental, a impressão do conjunto se apegando numa enorme quantidade de pequenos detalhes picantes. A obra não acrescenta em nada à pesquisa sonora e mata a inspiração.

As peças do Sr. Kodaly executadas com muito talento pelo excelente pianista que é Th. Szanto provam que Debussy penetrou até o coração da Hungria: provam apenas isso! *D'un cahier d'esquisses* de Debussy fez valer Ravel como pianista. Após Fauré o triunfante foi Ravel. As cinco peças infantis *Ma mère l'Oye* para piano a quatro mãos são pequenas obras primas. Eis a verdadeira música, original, pitoresca, no ponto justo, sem excessos, doce, soando bem, algo como um Schumann latino, poderíamos colocar de lado as *Cenas Infantis*. Ravel degustará este elogio? A Pastoral para órgão de Roger Ducasse mereceu uma ovação ao velho mestre Guilmant. Ela é charmosa essa pastoral, musical, nada pretenciosa, bem construída, porém um pouco confusa e um pouco longa em sua parte central. Quanto ao coro de *Faucheurs*, de Liszt, para piano a quatro mãos (Louis Aubert e Florent Schmitt) não é o melhor da produção Liszt. Devo ainda mencionar o sucesso das duas pequenas pianistas as Senhoritas Christiane Verger (6 anos) e Germaine Duramy (10 anos) que deram à obra de Ravel uma interpretação especial.

François de Marsens (MARSENS, 1910, p. 401)

Visto a importância do acontecimento, vale a pena também a tradução e transcrição do texto de Charles Cornet publicado pelo *Le Guide Musical*, em 15 de maio de 1910, sobre o concerto inaugural da SMI. De modo geral os três autores aqui mencionados são unânimes em afirmar sobre o sucesso do evento e da obra *Chanson d'Eve* de Gabriel Fauré. Cornet enfatiza sobre o mérito da obra e, para ele, com a execução da *Chanson d'Eve* “o Sr. Fauré fez à SMI uma magnífica doação de alegres acontecimentos” e acrescenta: “ela [a SMI] fará bem em meditar a lição”.

A questão levantada no artigo anterior, no que diz respeito ao uso abusivo de fórmulas por parte dos compositores apresentados, também foi aqui mencionada por Cornet e, nesse sentido, ressalta as características da escrita de Fauré. Cornet escreve: “É aí que podemos julgar o que significa a absoluta independência, a noção do belo e do bom gosto, a liberdade do pedantismo, a ausência de sujeição consciente ou não às fórmulas impostas pela tirania da moda”.

Como forma de documentar ainda mais a produção da imprensa sobre o evento, segue em sua íntegra, a crítica de Charles Cornet sobre o concerto de abertura da *Société Musicale Indépendante*.

Era natural que um tal movimento trouxesse uma multidão de amadores por sensações inéditas ao concerto de abertura da *Société Musicale Indépendante*. Sabemos que o Sr. Fauré aceitou a presidência e que o vasto número de simpatizantes do diretor do Conservatório abraçam as velhas tradições e as corajosas tentativas. Convém portanto assinalar algumas elucubrações independentistas: um coro de *Faucheurs* de Liszt, reduzido a quatro mãos de pianistas; uma *Pastorale* de Ducasse para órgão de Guilmant, espesso desenvolvimento com sonoros enfeites de improvisações harmônicas. Perfeitamente independente de toda forma conhecida é a música do jovem húngaro Zoltan Kodaly, descoberta pelo editor Mathot; seu intérprete, o pianista Szanto, executou esta excelente *Ouvrese* chamada de “uma meia dezena de palhaçadas

malucas”; não podemos pensar em analisar este gênero de excentricidades que fazem da música uma concepção estranha e inútil. Em todo caso, isso pareceu divertir o público desarmado por uma alegria hilariante. Foi divertido também ver o Sr. Ravel interpretar o *Cabier d'Exquisses* de Debussy, caderno repleto de notas e requintados desenhos, jardim fértil de raízes harmônicas.

Os contos de *Ma mère l'Oye* do Sr. Ravel, tendem a provar que a dificuldade técnica do compositor é apenas uma lenda e que as pequenas mãos, como dizem os floristas, são capazes de ajustar melhor as finas bordaduras de sua arte. As cinco pequenas peças coloridas foram interpretadas de maneira inteligente pelas Senhoritas Leleu e Darony.

A notar um sexteto para cordas instrumentais e vocais, do Sr. André Caplet. O interesse desta manifestação consiste na combinação de timbres – instrumentos e voz sem palavras. Devemos louvar todo esforço quando ele é sincero e quando ele surte um efeito agradável. O Sr. Caplet tem talento; ele pode o fazer valer apresentando suas ideias usando fórmulas mais simples.

O sucesso da noite foi a *Chanson d'Eve* de Gabriel Fauré, magistralmente apresentada pela Senhorita Jeanne Raunay. Todas as belas sonoridades da lira do mestre, todas as finezas de sua língua, todo o frescor de seu estilo pessoal se encontram nas dez novas melodias das quais várias foram reexecutadas com entusiasmo. É aí que podemos julgar o que significa a absoluta independência, a noção do belo e do bom gosto, a liberdade do pedantismo, a ausência de sujeição consciente ou não às fórmulas impostas pela tirania da moda. O Sr. Fauré fez assim à *SMI* uma magnífica doação de alegres acontecimentos; ela [a *SMI*] fará bem em meditar a lição.

Ch. C. (CORNET, 1910, p. 388)

Portanto o artigo mais polêmico encontrado sobre essa estreia, vem a ser o texto de Gaston Carraud, intitulado *Musique de Chambre*, publicado pelo jornal cotidiano *La Liberté* em 3 de maio de 1910. Crítica extremamente tendenciosa e claramente partícipe da sociedade rival, a *Société Nationale*. O texto lhe valeria inclusive a exclusão em participar dos eventos sucessivos organizados pela *SMI*, conforme menciona em artigo datado de 24 de maio, publicado pelo mesmo jornal (ver o texto transcrito na análise do terceiro concerto da *SMI*). Carraud acusa a *SMI* de “filha ingrata” da *SNM*, pois segundo ele, esses jovens a teriam usado apenas para estabelecerem o início de sua reputação. O autor, assim como os autores mencionados anteriormente, enobrece o valor da obra de Gabriel Fauré, *La Chanson d'Eve*, e acredita que o grupo teria usado argumentos fantasiosos para convencer o diretor do Conservatório a assumir a presidência da associação. O texto que segue, a respeito das outras obras apresentadas e seus intérpretes, faz somente denegrir a imagem da nova associação. Carraud faz ainda uma breve apreciação sobre o concerto da *Société Nationale* (de 30/04/1910), na qual evidencia os elevados critérios adotados na seleção das obras apresentadas. Importante notar que dentre as obras apresentadas pela *Nationale* apenas uma suíte de melodias de M. Béclard seria dada em primeira audição enquanto o programa da *SMI* seria inteiramente formado por obras inéditas. Segue assim, em sua íntegra, o texto de autoria de Gaston Carraud.

MUSIQUE DE CHAMBRE

Sabendo os preciosos serviços prestados pela *Société Nationale*, e a quantidade fabulosa de músicos desconhecidos e de novas composições que cada ano, ainda hoje ela nos faz descobrir, vocês devem se perguntar a que necessidade vem responder a *Société Nationale Indépendante – S.M.I.*, como diríamos, sua filha ingrata. Mas um grupo de jovens compositores muito inquietos – alguns até muito talentosos – que estabeleceram na *Société Nationale* o início de sua reputação, acharam ruim que esse mérito não fosse reservado unicamente à seus agregados. Para fundar uma nova sociedade, eles expuseram suas ideias ao Sr. Gabriel Fauré com cores

liberais e generosas; foi a única forma para que ele aceitasse a presidência, com sua devoção habitual. Que partido você pode tomar nessa situação: o diretor do Conservatório presidente da *Société Indépendante*, e o diretor da *Schola Cantorum* presidente da *Société Nationale*. Assim, procurando colocar um contra o outro, os dois grandes músicos da França atual, estes jovens não desempenham uma bela função. Mas garantiram em seu primeiro concerto uma atração excepcional: a primeira audição integral de um novo ciclo de melodias, que deve tomar lugar de nossa afeição ao lado da *Bonne Chanson*. De um caráter e de uma escrita essencialmente diferentes – pois você deve saber com que gosto inteligente e com que fina sensibilidade o Sr. Fauré sabe, permanecendo ele mesmo, se renovar segundo os poetas que ele interpreta – *La Chanson d'Eve* brilha de uma pureza, de um frescor de sentimentos e de estilo realmente admiráveis. Nada que pareça mais simples, mais “branco” e se nos permitem dizer: nada de mais sutil nem de mais emocionante em sua serenidade. É a admiração modesta da nova alma, e a mais delicada, diante da beleza do mundo, da vida, e até mesmo da morte. A Sra. Jeanne Raunay cantou estes poemas com uma arte incomparável. Elas pareceram quase deslocadas no meio de uma exibição cujo o sério foi intermitente, e que permitiu alguns brincalhões de traduzir SMI para: Sociedade de Música Invertebrada.

Eu nem falo da hilaridade levantada pelas assustadoras peças para piano do Sr. Zoltan Kodally. Porém, o vazio amorfo e disforme das melodias do Sr. Maurice Delage é insondável. A Pastoral para órgão, infinitamente longa e de um estilo desapropriado ao instrumento, não vem a ser uma das boas obras do Sr. Roger Ducasse, apesar das raras qualidades musicais que ela manifesta, sobretudo em seu epílogo. O *Septuor* “para cordas vocais e instrumentais” do Sr. Caplet que já nos coloca em dúvida pelo medíocre jogo de palavras do título, não faz que piorar de forma desagradável o erro já cometido pelo Sr. Debussy em suas *Sirènes*. E, não foi por acaso que tocou-se somente uma pequena parte. E quem não pensou nos concursos, vendo inicialmente dois jovens senhores bem comportados tocar ao piano, a quatro mãos, um coral de Liszt; e depois duas pequenas personagens de seis e dez anos, que agitam já seus tentáculos com uma afetação de morrer de rir ao executar *Ma Mère l'Oye*, do Sr. Maurice Ravel; e o Sr. Maurice Ravel em pessoa tocar uma velha peça de seu bom camarada da classe superior, o Sr. Debussy?

A *Société Nationale* não nos ofereceu primeiras audições muito importantes. Uma suíte de melodias de M. Béclard: *La Partenza*, mostra um sentimento justo e sincero, francamente e eficazmente traduzido. Como na SMI, o programa reservava um lugar a Liszt, mas para fazer ouvir uma de suas mais consideráveis e de suas mais belas obras para piano: as *Variações sobre um tema de Bach*, nas quais o Sr. Rislér foi aclamado. E certamente o que a *Société Nationale* pode fazer de mais útil, é de nos lembrar e propor obras pouco executadas, de qualidade elevada para que os pianistas virtuosos se interessem, tais os dois quartetos que os Srs. Firmin Touche, Dorson, Vieux e Marneff executaram com uma consciência perfeita: o do Sr. Savard, tão nobre, tão grave, tão interior com a admirável expansão melódica de seu *très lent*; e o segundo quarteto do Sr. Vincent d'Indy, talvez o mais belo - depois do de César Franck - quarteto de cordas escritos após Beethoven.

A Srta. Lucie Caffaret tinha iniciado brilhantemente, não muitos anos atrás, como criança prodígio. Ela já é outra, ainda não possui toda a maturidade necessária para se produzir nos programas que ela mesma compõe em verdadeira e séria artista. Possui, entre outros uma técnica extremamente admirável, qualidades preciosas, estilo, sem mesquinhez nem maneirismos, um sentimento quase sempre justo, e o senso do ritmo. Falta-lhe ainda saber fundir num conjunto de ritmos os diferentes ritmos que ela distingue em uma mesma obra.

Gaston Carraud (CARRAUD, 1910, s/p)

Chamo atenção para a peça *D'un cahier d'esquisses* de Claude Debussy, executada por Maurice Ravel neste concerto de abertura da *Société Musicale Indépendante*. Por que Ravel teria escolhido apresentar em ‘primeira audição’ a peça em questão? Certamente a escolha do idealizador da SMI iria de encontro aos objetivos pregados pela sociedade de divulgar obras que demonstrassem novos modelos de composição, conforme aponto a seguir - além da admiração da associação por Debussy (conforme mencionado anteriormente do texto de Charles Koechlin) -, possivelmente a seleção de Ravel serviria ainda de exemplo aos ouvintes da noite e aos membros do comitê de leitura para as futuras obras a

serem selecionadas.

A breve peça, sugestivamente intitulada *D'un cahier d'esquisses*²⁶ é ainda hoje uma das páginas menos conhecidas de Debussy. A data de composição, segundo os especialistas, não pode ser afirmada com precisão mas estima-se o ano de 1903 e publicada em fevereiro de 1904, inicialmente sob o título de *d'Esquisses* (Esboços) pelo álbum de música *Paris illustré, n. 11* das edições Manzi-Joyant e no mesmo ano publicada pela Schott Frères (Plate S.F. 5104) com o título definitivo *D'un cahier d'esquisses*, e sua 'primeira audição' só aconteceria em 1910 pelas mãos de Maurice Ravel.

A peça de apenas 54 compassos tem como indicação de andamento *Très lent* (muito lento), seguida da insinuante orientação entre parênteses *sans rigueur* (sem rigor). A armadura de clave sugere ainda a tonalidade de Ré bemol Maior e a fórmula de compasso 6/8. O título da peça certamente confirma a intenção do compositor que parece realizar um esboço, uma espécie de laboratório de experimentos de sonoridades e timbres. A liberdade formal é clara e os elementos, independentes entre si, são apresentados no decorrer dos 54 compassos de música. Trata-se de sua primeira experiência de escrita em três camadas sonoras distintas, ou seja, a peça está inteiramente escrita em três pautas, constituindo assim uma espécie de laboratório para algumas de suas composições futuras. Este procedimento será amplamente explorado no segundo livro de seus *Préludes* (1912-1913).

A composição apresenta, de maneira extremamente sintética, os elementos que caracterizam a fase de maturidade do compositor: liberdade formal e harmônica, efeitos de bitonalismo por meio do uso de notas-pedais, indicações de busca por efeitos distintos de ataques e timbres, uso de três camadas sonoras distintas organizadas em três pautas, uso das baixas intensidades (de modo geral a peça oscila entre *p* e *ppp*), efeitos de extinção sonora e ainda inúmeras indicações de andamento (todas em idioma francês) e de nuances deixadas no sentido de orientar o intérprete. Dentre as inovações apresentadas, o da extinção sonora chama atenção pelo efeito criado e abre a peça com o primeiro elemento apresentado. Seguem alguns dos momentos em que Debussy faz uso do procedimento em questão. No primeiro exemplo ver os compassos 3 e 4; no segundo exemplo ver o compasso 43 e 44. Notar neste último a sobreposição a nota-pedal (Fá#) de arpejos que levam à extinção sonora no compasso 45.



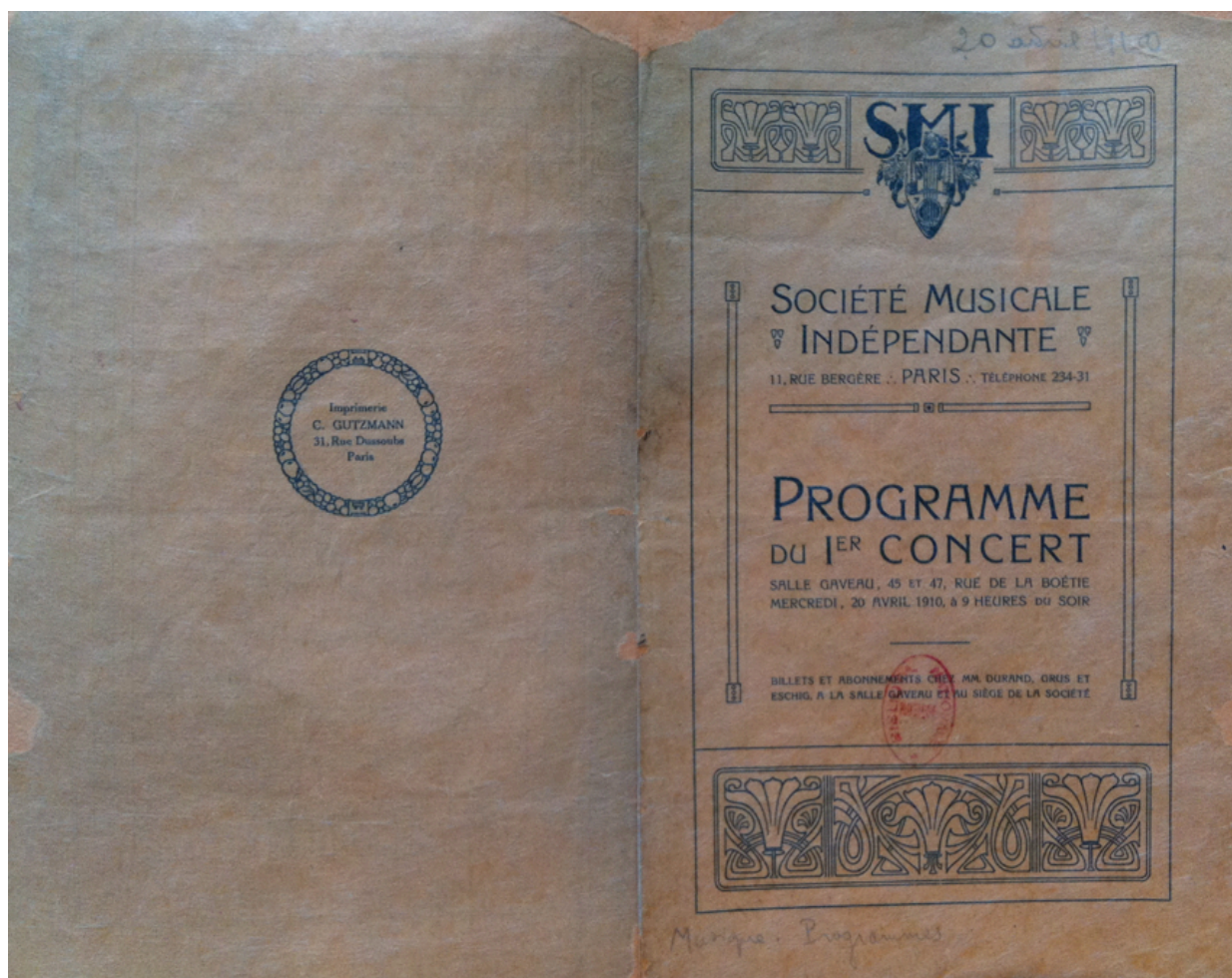
Fig.2 - C. Debussy. *D'un cahier d'esquisses*, comp. 1-4 (ver comp. 3 e 4).

²⁶ Num caderno de esboços



Fig.3 - C. Debussy. *D'un cahier d'esquisses*, comp. 41-45.

Segue a reprodução do programa do primeiro concerto da *Société Musicale Indépendante*.



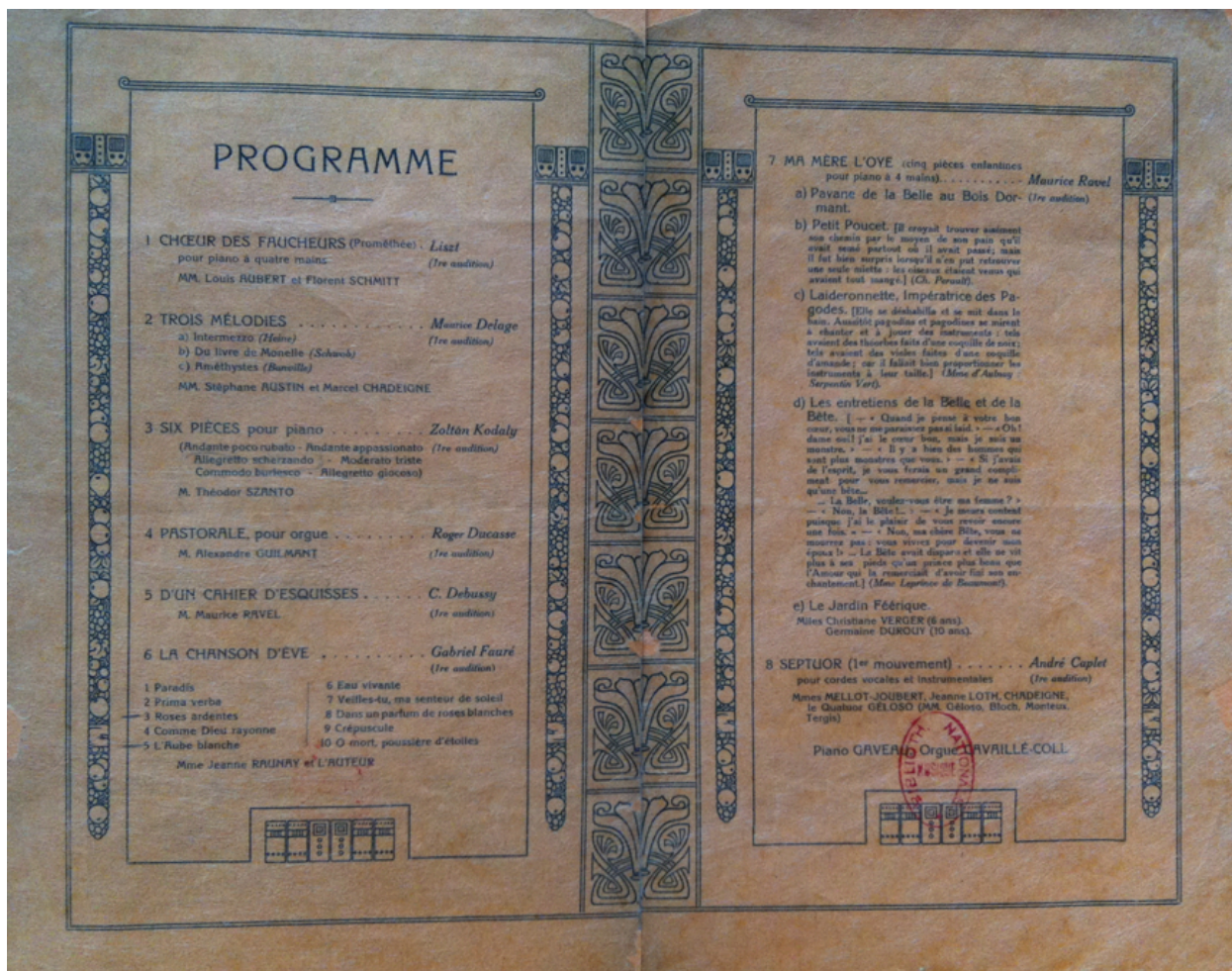


Fig. 4 - *Bibliothèque nationale de France – BnF*, Musique, Programmes de la *SMI*.

O segundo concerto aconteceu em 4 de maio de 1910 às 21hs na *Salle Gaveau* e, de acordo com a crítica consultada, assim como o primeiro concerto, o público curioso compareceu em massa. O programa, a parte a *Sonate em Si mineur* para piano e violino de Le Boucher, também priorizou pela execução de obras inéditas, contando até mesmo com a primeira audição de peças do século XVII inglês, pelas mãos da lendária cravista polonesa Wanda Landowska (1879-1959), momento este considerado, pela crítica consultada, como sendo o ponto alto da noite. É possível observar ainda a presença da pianista brasileira Magdalena Tagliaferro (1893–1986) que realizou a primeira audição de uma suíte para piano solo do compositor francês Raul Bardac (1881-1950). Uma outra primeira audição chama a atenção no sentido de uma possível aliança da *SMI* com um dos fundadores dissidente da *Société Nationale de Musique*, o compositor Camille Saint-Saëns (1835-1921), que teve o seu *Prélude et Fugue*, para órgão em primeira audição pelas mãos do compositor e organista Joseph Bonnet (1884–1944). Assim, com um programa eclético e marcado por uma diversidade instrumental das obras apresentadas, o segundo concerto da *Société Musicale Indépendante* foi formado pelos seguintes compositores, obras e intérpretes:

1. M. Le Boucher – *Sonate em Si mineur*, para piano e violino. Montoriol - piano e Tarrès et Zighera – violino;
2. Manuel de Falla – *Trois Mélodies: Les Colombes, Chinoiseries, Séquedille* (1ª audição), para voz e piano. Adiny - voz e Manuel de Falla – piano;
3. Joseph Bonnet – *Trois pièces pour orgue: Dédicace, Matin provençal, Clair de Lune* (1ª audição). Joseph Bonnet – órgão;
4. Raul Bardac – *Prélude, Mazurka, Menuet, Gigue*, suíte para piano solo (1ª audição). Magdalena Tagliaferro – piano;
5. Dr. John Bull – *La Chasse du Roy e Les Bouffons*; Henry Purcell – *Ground*, para cravo (1ª audição). Wanda Landowska – cravo;
6. M. Debie – *Trois Chansons de Maeterlink*, para voz e piano (1ª audição). Rose Féart – voz e M. Debie – piano;
7. C. Saint-Saëns – *Prélude et Fugue*, para órgão (1ª audição). Joseph Bonnet – órgão;
8. Sultanat de Yoggakarta – *Deux pièces Javanaises: Gamelang palag e Gamelang salandro* (1ª audição). Transcrição de Charles Koechlin para flauta, piccolo, violino, celesta, harpa, xilofone, órgão, gongo, tímbalos, triangulo, piano e timbres.

François de Marsens relata o segundo concerto da SMI em artigo intitulado *Société Musicale Indépendante: Deuxième Concert*, publicado pelo *Le courrier musical* em 15 de maio de 1910. A diversidade cultural, de estilos e quanto a formação instrumental, vem a ser uma característica marcante nesse segundo concerto e será evidenciada pelo autor do texto que inicia seu artigo com a seguinte exclamação: “Que salada!” Para Marsens o resultado dessa diversidade de informações não foi positiva, uma combinação prejudicial para algumas das obras apresentadas em primeira audição. Para ele, a obra de Camille Saint-Saëns em meio a esse contexto “fazia estranha figura”, fato que segundo Marsens seria motivo para um desentendimento entre as partes. Ele escreve: “Não espero nada de bom do casamento Saint-Saëns com a nova sociedade, eu pressinto até mesmo um rápido e retumbante divórcio”.

Além de uma breve crítica sobre as obras aqui selecionadas, outro aspecto interessante do texto de François de Marsens vem a ser o interesse quanto a atuação dos intérpretes e de como estes contribuíram, ou não, na execução das obras apresentadas. Nesse sentido, além de uma bela menção sobre a interpretação da pianista brasileira Magda Tagliaferro, para Marsens, o “triumfo” da noite foi a interpretação de Wanda Landowska das peças inéditas para cravo da escola inglesa do século XVII, repertório desconhecido dos franceses, fato esse confirmado pelo autor do texto. Segue em sua íntegra o artigo em questão.

Que salada! Saint-Saëns, Le Boucher, Joohn Bull, um Gamelão, de Falla, Senhorita Debric, Bardac, etc. Não espero nada de bom do casamento Saint-Saëns com a nova sociedade, eu pressinto até mesmo um rápido e retumbante divórcio. Entre as pretenciosas canções da Senhorita Debric, admiravelmente cantadas, e a música javanesa do Sultanato de *Yoggakarta*, a digna fuga do autor de *Samson* [referindo-se a Saint-Saëns], fazia estranha figura. Impor *Gamelan palag e Salandro* a um público parisiense é pedir um pouco demais à cortesia internacional ou ao culto do esnobismo. Esta música tem seu charme executada pelos Javaneses com seus instrumentos. Para eles, esta significa alguma coisa e um pouco dessa emoção chega até nós mas, transpostas para nossos instrumentos, tocada pelos premiados de Roma e os professores da Sorbonne ela fica desinteressante e pueril. O Sr. Koechlin escreveu páginas tão profundas e tocantes que não devemos levar a sério o que ele fez aqui, uma piada. Muito apreciei a Sonata para piano e violino de Le Boucher, uma obra sólida, de uma poética e adorável inspiração que eu teria enorme prazer em reescutá-la sobretudo por Tarrés e Zighera. Encantadora também a Suíte para piano de Raoul Bardac que a Senhorita M. Tagliaferro tocou com infinito bom gosto e simplicidade. Prefiro Joseph Bonnet organista que Joseph Bonnet compositor. O que eu definitivamente não gosto são as melodias de Manuel de Falla. Eu procurei, em vão, uma relação qualquer entre a música de M. de Falla e os versos de Th. Gautier. É infinitamente triste e infinitamente mal cantada pela Sra. Adinez que darei um jeito para não ser mais obrigado a escutá-la. O triunfo da noite foi Wanda Landowska com duas peças de John Bull e uma de Purcell para cravo. Conhecemos muito pouco desta forte escola inglesa do séc. XVII. Para saber se realmente a influência nefasta de Haendel rompeu o impulso original da arte inglesa seria necessário conhecer outra coisa além das peças para cravo, o mais irritante dos instrumentos que o homem tenha inventado. O sucesso dessa música clara, sóbria, de construção simples e sólida é uma preciosa indicação. – François de Marsens. (MARSENS, 1910, p. 401-402)

No sentido de confirmarmos a descrição apresentada no texto de François de Marsens, vale a pena mencionar ainda o artigo de Charles Cornet, publicado pelo *Le Guide Musical* em 15 de maio de 1910, mesmo dia do artigo anterior.

O segundo concerto dado pela SMI atraiu quarta-feira na *Salle Gaveau* quase o mesmo número de curiosos que o primeiro. Porém, estranhamente, foi a música do século XVII que absorveu a preferência geral. As três peças para cravo tocadas com um preciosismo encantador pela Sra. Wanda Landowska revelaram deliciosas e inocentes inspirações: *Ground*, de Henry Purcell é uma pérola musical; a *Chasse du Roy* e os *Bouffons*, de Dr. John Bull, tem uma aparência e um movimento diabólicos. O entusiasmo do público obriga a excelente artista a prolongar abusivamente as sonoridades sutis de sua espineta.

O resto foi sem graça. O que dizer da sonata para piano e violino do Sr. Le Boucher, se não que ela é difícil, o que preocupa o ouvinte, e de uma coesão relativa? O que dizer das peças para órgão do Sr. J. Bonnet, se não que elas são bem escritas, com uma preocupação louvável de conservar ao instrumento o caráter que impõe sua grandiloquência? Eu prefiro assinalar à legítima curiosidade de nossos contemporâneos duas melodias à morfina, afeminadas e fluídas do Sr. Manuel de Falla e do mesmo autor uma *Ségnedille* apaixonada, vibrante e franca, bravamente lançada pela Senhorita Adiny, coroada de aclamações e de um irresistível bis. As três canções de Maeterlink, escritas de uma pluma lânguida e inocente pela Senhorita Debric, melhor dizer pela Senhorita Kahan, tiveram o azar de vir após o cravo; as mãos cansadas não tiveram mais a força de as aplaudir segundo seu mérito real.

O *Prélude et Fugue* para órgão de Saint-Saëns (1ª audição), apresentados pelo Sr. Bonnet, organista da *Saint-Eustache*, foram acolhidos sem calor por um público de auditores que já davam, há algum tempo, sinais de evidente impaciência. Já era tarde e esperávamos as duas peças javanesas do Sr. Sultanat de Yoggakarta, transcritas para flauta, violino, celesta, harpa, xilofone, gongo, órgão, tímbalos, triângulo, piano, pelo Sr. Ch. Koechlin. Tocadas por intérpretes de segunda linha, entre os quais um pintor, sob a direção do Sr. Inghelbrecht, estas duas excentricidades foram a nota engraçada do salão dos independentes: estas duas sinfonias burlescas e de curtas dimensões divertiram pelo inesperado dos timbres, atraentes e exóticos.

Ch. C. (CORNET, 1910, p. 388-389)

A seleção do terceiro concerto da primeira temporada da SMI, datado de 18 de maio de 1910, às 21hs este na Salle *Érard*, teve um número significativamente menor de primeiras audições, se comparada aos dois programas anteriores. Apenas os *Prelúdios 1, 2, e 3* para piano solo de Gabriel Fauré e o *Quarteto em Ré Majeur op. 16* do romeno George Enesco (1881-1955) constituíram a parte inédita da noite. De modo geral a seleção do comitê da SMI parece ter voltado sua atenção à execução de obras vocais, mais especificamente para a formação voz/piano - com melodias do compositor francês Gabriel Dupont (1878-1914) e do russo Modeste Moussorgski (1839-1881) - e para coro - com peças dos franceses Paul Locard (?), Jacques Pillois (?) e do já mencionado Enesco. Segue em sua íntegra o programa do terceiro concerto da SMI formado pelos seguintes compositores, obras e intérpretes.

1. Gabriel Fauré – *Préludes n. 1, 2 e 3* (todos em 1ª audição), *Deux Barcarolles, Un Impromptu*, para piano solo. Marguerite Long – piano;
2. Gabriel Grovlez – *Nocturne* (1ª audição), para piano solo. Maurice Dumesnil – piano;
3. Paul Locard – *Choeurs*, para coro;
4. Jacques Pillois - *Choeurs*, para coro;
5. Modeste Moussorgski – *Trois Lieder*, voz e piano (possivelmente este número teria sido cancelado, de acordo com a crítica que segue) ;
6. George Enesco – *Quatuor em Ré Majeur op. 16* (1ª audição), para violino, viola, violoncelo e piano;
7. Emmanuel Chabrier – *L'Ode à la musique*, para coro. Reynaldo Hahn – direção;
8. Gabriel Dupont – *Deux Mélodies: Douceur du soir, Le Vieux barre*, voz e piano. Huberdeau - voz;
9. Gabriel Dupont – *Deux Pièces*, piano solo. Maurice Dumesnil – piano.

O texto de Louis Vuillemin, crítico defensor da *Société Musicale Indépendante*, publicado pelo jornal *Comoedia* em 20 de maio de 1910 ilustra e descreve a noite de 18 de maio de 1910.

Société Musicale Indépendante – Foi na Salle *Érard* que aconteceu o terceiro concerto da *Société Musicale Indépendante*. A escolha das obras interpretadas pareceu muito interessante. Notemos que os organizadores desta vez tiveram que superar as maiores dificuldades. A eminente cantora, a Sra. Félicia Liviance, obrigada a partir para Londres a fim de cantar o *Crepúsculo dos Deuses* e *Tristão e Isolda*, não pode emprestar sua voz à SMI, sua tão preciosa colaboração. De outro lado, a Sra. Marguerite Long, renomada professora do Conservatório, se encontrou subitamente indisposta no momento mesmo de se sentar ao piano. Felizmente esta indisposição não durou e Sra. Marguerite Long interpreta, de forma remarcável, três Prelúdios encantadores, duas Barcarolas e um Improviso do mestre Gabriel Fauré. O autor e a intérprete foram longamente e unanimemente aplaudidos. Substituindo a Sra. Félicia Liviance o Sr. Huberdeau da *Opera-Comique*, pretendeu cantar, duas

belas melodias do Sr. Gabriel Dupont, *Douceur du soir*, *Le Vieux banc*. É necessário ser grato ao Sr. Huberdeau, tanto de sua complacência que de seu talento.

Ao Sr. Maurice Dumesnil, pianista conhecido por suas capacidades musicais, expressivo e com autoridade, responsável por executar duas peças de Gabriel Dupont. A segunda dessas peças, *Boules*, é muito bela - e o *Nocturne* de Gabriel Grovlez é uma página de um charme delicioso. O Sr. Maurice Dumesnil – que faz também muito bem os anúncios – toca admiravelmente a música nova, ele tem razão de se amarrar as suas preferências.

Escutamos ainda divertidos corais ou peças vocais diversas dos Srs. Locquart e Pillois. Sras. Jane Bathori e Link, Srs. Engel e Leroux foram os valorosos defensores. *L'Ode à la musique* de Emmanuel Chabrier, sob a elegante direção do Sr. Reynaldo Hahn, valorizou a leveza e o conjunto de coros da escola Engel-Bathori.

Enfim, do Sr. George Enesco, um quarteto para piano e instrumentos a cordas deveu ao simpático fidalgo Geloso, uma interpretação conscienciosa. A obra cujo autor ele mesmo executou a parte do piano, e com certeza, digno de estima. Seu valor não seria colocado em dúvida. Portanto, a imprecisão, de modo geral e pela dimensão dos desenvolvimentos, surpreendeu mais de um espectador.

A segunda peça, cheia de novas e sedutoras sonoridades, agradou. A terceira, com ritmos divertidos e recentemente impressas, produz um grande efeito. Nesta noite o Sr. George Enesco e seus intérpretes sofreram várias chamadas sucessivas, provas irrefutáveis do fervor do ambiente.

O terceiro concerto da *Société Musicale Indépendante* confirma a vitalidade desta jovem associação. Por meio dela curiosas produções nos foram reveladas. Algumas foram muito interessantes; outras pareceram mediócras. [não foi possível ler esta frase]. Este contraste permanente, do qual devemos nos alegrar, não é o efeito do acaso. Ele é, ao contrário, desejado; esperemos que persista. Assim, as audições da SMI se tornaram populares. Elas cativaram a uns e divertiram a outros e, finalmente, contentaram a todos.

L.V. (VUILLEMIN, 1910, s/p)

O crítico musical Gaston Carraud, defensor da *Société Nationale de Musique*, após o rude ataque a SMI em artigo publicado pelo cotidiano *La Liberté* em torno do concerto de abertura da nova associação (ver anteriormente), teria sido excluído a figurar entre os lugares reservados à imprensa dos eventos da SMI. Ele escreve em sua coluna algumas palavras sobre o fato e a respeito desse terceiro concerto da *Société Musicale Indépendante*.

Eu tenho poucas coisas a dizer que possam justificar o título deste artigo, uma vez que a SMI não me convidou ao seu terceiro concerto. Os interlúdios cômicos me pareceram negligenciados: não teve, entre os autores do programa, nem húngaros, nem javaneses, e entre os intérpretes, nem crianças de camisola, nem pintores, nem doutores [referindo-se aos concertos anteriores]. Mas quanto eu lamento não poder escutar as novas obras, cujo Sr. Gabriel Fauré nos deu as primícias! Esperemos que esta jovem independente saiba compreender a advertência que a reitera com paciência, e assimilar estas admiráveis lições de substancial clareza e de sutil firmeza nos mínimos detalhes. (CARRAUD, 1910, s/p)

Dando continuidade à sua primeira temporada, em 25 de maio de 1910, na *Salle Érard*, a *Société Musicale Indépendante* oferece seu quarto concerto. No programa, dos sete compositores selecionados apenas dois apresentam obras em primeira audição: duas peças para trompa e piano de Florent Schmitt e quatro prelúdios para piano solo de Claude Debussy, tendo o próprio compositor ao piano. Possivelmente o sucesso obtido em ocasião do primeiro concerto da SMI, ou ainda a falta de obras inéditas enviadas ao comitê de leitura levariam a reapresentação de *La Chanson d'Eve* de Gabriel Fauré.

Nota-se ainda a presença de três compositores estrangeiros: o romeno George Enesco (1881-1955), do russo Milij Balakirev (1837-1910), que viria falecer quatro dias após o concerto e do húngaro Theodor Szántó (1876-1953). Segue em sua íntegra o programa do quarto concerto da *SMI* formado pelos seguintes compositores, obras e intérpretes.

1. George Enesco – *Octuor*, para 2 quartetos a cordas. *Quatuor Geloso* e *Quatuor Chailley*, sob a direção de George Enesco;
2. Milij Balakirev – *Chant de la Volga*, voz e piano. Mme. de Wieniasky – voz e Alfredo Casella – piano;
3. César Galéotti – *Légende*, para harpa. Micheline Kahn – harpa;
4. Florent Schmitt – *Deux Pièces* (1ª audição): *Lied e Scherço*, para trompa e piano. Jules Vialet – trompa e Ferdinand Motte-Lacroix – piano;
5. Claude Debussy – *Préludes* (1ª audição): *Danses de delphes, Voiles, La Cathédrale engloutie, La Danse de Puck*, para piano solo. Claude Debussy – piano;
6. Theodor Szántó – *Deux Pièces: Berceuse de la mort e Choral Fantasie*, para piano solo. Theodor Szántó – piano;
7. Gabriel Fauré – *La Chanson d’Eve*, para voz e piano. Jeanne Raunay – voz e Gabriel Fauré – piano.

Assíduo aos concertos da *SMI*, o crítico Charles Cornet publica em sua coluna para o *Le Guide Musical*, em 5 de junho de 1910, artigo sobre o penúltimo concerto da temporada da nova associação, deixando sempre suas impressões a respeito das composições e da atuação dos intérpretes. O texto de Cornet destaca a presença de Claude Debussy, “que raramente se apresenta pessoalmente”, como sendo “a parte mais interessante da noite”. Segue na íntegra a tradução do artigo em questão.

Société Musicale Indépendante

A nova sociedade precipita suas sessões. Nesta terceira noite [o autor se confunde, pois trata-se da quarta noite] nos foi dada a escuta do enorme octeto para cordas do Sr. Enesco (segunda audição). Sabemos o luxo do desenvolvimento sob a pluma desse notável compositor, e o caminho que ele percorreu desde a serenata composta em ocasião do aniversário de *Leurs Majestés* o Rei e a Rainha da Romênia. Se o Sr. Enesco pudesse se liberar de algumas ênfases pouco parisienses, de algumas obscuridades devidas ao excesso de sua retórica, suas obras pareceriam mais potentes, vivas, apaixonantes e sensíveis; seu estilo denso ganharia em clareza e as repetições inúteis não sobrecarregariam a imagem, não enfraqueceriam o sujeito. Existe nesse octeto detalhes, frases, motivos de um charme penetrante, tal o início do andante exposto em meia-cor pelo segundo violino, infelizmente alterado pelos excessos da suíte. O final é uma verdadeira floresta virgem na qual falta o ar, onde o ouvinte sufocado sob os grossos galhos, ressonantes, prodigiosos. Os *Quartetos Géloso e Chailley* o executaram de forma notável, guiados pela batuta do autor.

A Senhorita Wieniawsky cantou com sua voz timbrada e quente algumas melodias russas; o *Chant du Volga*, de Balakireff, obteve os honras de um bis. Convém notar a bela *Légende*, para

harpa, de Galéotti, deliciosamente interpretadas pela Senhorita Kahn.

Do Sr. F. Schmitt, duas peças para trompa e piano; O Sr. Viallet executou essas difíceis peças com segurança e talento.

A parte mais interessante da noite foi a presença do Sr. Debussy ao piano interpretando quatro movimentos de sua produção: *Danses de Delphes*, *Voiles*, *La Cathédrale engloutie*, *La Danse de Puck*. Dizer que essas impressões pianísticas são exemplos de uma preciosidade sutil, que a virilidade de expressão domina, ninguém me acreditaria. A linguagem do Sr. Debussy é a de um sonho, do mistério, lânguida e enérgica; mas seu timbre é tão penetrante, de uma melancolia tão repousante, de uma monotonia tão doce que a pesquisa desaparece para transportar o espírito e os nervos do ouvinte à esferas especiais onde a análise é inútil, onde o entendimento é absorvido por maliciosos sortilégios. O sucesso do Sr. Debussy, que raramente se apresenta pessoalmente, foi considerável e *La Danse de Puck*, enfeitiçou a todos, e o público unanimemente solicita o seu bis.

Para concluir, o pianista compositor húngaro Théodor Szanto brilha em um gênero diferente, na *Berceuse de la Mort* e *Choral-Fantaisie*, manipulados com convicção.

Ch. Cornet (CORNET, 1910, p. 381-382)

A produção sinfônica encerra a primeira temporada de concertos da *SMI*. O programa, apresentado na *Salle Gaveau* em 9 de junho de 1910, foi composto por obras de nove compositores, dentre os quais o polonês Eugeniusz de Morawski (1876-1948) e o russo Modeste Moussorgski (1839-1881). A parte duas melodias para voz solista e orquestra de Alfredo Casella e duas de Modeste Moussorgski todas as obras apresentadas foram dadas em ‘1ª audição’, dentre as quais duas composições recusadas pelo comitê da *Société Nationale*: *Le Temples*, primeiro dos *Études Antiques* de Charles Koechlin e *Conté par la Mer* de Maurice Delage. O programa foi executado pela orquestra da *Association Hasselmans* que contou com a direção de Désiré-Émile Inghelbrecht, com exceção dos *Études Antiques* de Charles Koechlin, conduzido pelo próprio compositor. Segue em sua íntegra o programa do quinto e último concerto da primeira temporada da *SMI* formado pelos seguintes compositores, obras e solistas.

1. Eugeniusz de Morawski – *Vae victis* (1ª audição), para orquestra;
2. Charles Koechlin – *Études Antiques* (extrait): *Le Temples, le soir, au bord de la mer* (1ª audição), para orquestra. Regência de Charles Koechlin;
3. Louis Aubert – *Mélodies* (1ª audição): *Sérénade e Roses du soir*, para voz e orquestra. Rose Heilbronner, voz;
4. Raoul Bardac – *Pièces* (1ª audição): *Soleil d’hiver e Kermesse*, para orquestra;
5. Maurice Delage – *Conté par la mer* (1ª audição), para orquestra;
6. Maurice Ravel – *Air de Gonzalve* (extrait de *L’Heure espagnole*, 1ª audição), para voz e orquestra. Henri Fabert, voz;
7. Modeste Moussorgski – *Mélodies*: *La Berceuse de la mort e Hopak*, para voz e orquestra. Felia Litvinne, voz;
8. Alfredo Casella – *Mélodies*: *Nuageries e En ramant*, para voz e orquestra. Felia Litvinne, voz;

9. Florent Schmitt – *Psaume XLVI* (1ª audição), para voz solista, órgão, coro e orquestra. Rose Féart – voz e Joseph Bonnet – órgão.

Registrando o encerramento da primeira temporada de concertos da *SMI*, o jornal parisiense *Comoedia* publica em 12 de junho de 1910, o artigo *Société Musicale Indépendante* escrito pelo crítico Louis Vuillemin, árduo defensor da associação. O autor do texto descreve o sucesso da noite e sobre a importante vocação da jovem sociedade. Ressalta sobre as qualidades das *Pièce Symphonique* de Maurice Delage que teria sido “ofuscada pela *Nationale*”, devido ao fato de ter sido recusada pelo comitê da sociedade rival. Portanto, para Vuillemin, dentre as obras executadas o monumental *Psaume XLVI* de Florent Schmitt consagrou definitivamente a noite e o compositor. Para ele “esta ativa e radiosa composição merece ser admirada” e “classifica Florent Schmitt como um dos grandes músicos franceses”. Segue em sua íntegra o texto de Louis Vuillemin.

Este quinto concerto – o último da temporada – foi um verdadeiro triunfo. O programa, variado, não muito longo, sempre musical, foi degustado por todos. E só Deus sabe o quanto estava lotado! Eis a *S.M.I.* definitivamente classificada. Ela nos aparece como um agrupamento mais eclético, mais artístico, e o mais útil que existe atualmente. A partir do primeiro concerto da próxima temporada, esta Sociedade será celebre, não somente na França, mas também no Estrangeiro. De fato, sabemos, que a *S.M.I.* executa compositores de todos os países, mas em condições tais que os compositores franceses recebam, por sua vez, uma boa acolhida nestes países estrangeiros.

O quinto concerto da *S.M.I.* aconteceu com coro e orquestra. O Sr. Moravski, representante da Escola Polonesa ofereceu um grande coro sinfônico que os numerosos ouvintes apreciaram na escadaria. Charles Koechlin, com a batuta em mãos, dirigiu a execução de um delicado, literário e encantador *Étude Antique*. Aplaudimos com o mais justo sentimento duas belas melodias, na voz da Senhorita Helibronner, do *Opera-Comique*, acompanhadas pelo autor Louis Aubert.

Curiosa e cheia de intenções, e que definitivamente não são indiferentes, a famosa *Pièce Symphonique* do Sr. Delage antes ofuscada pela *Nationale*, seduziu os músicos. E eis a admirável cantora a Srta. Livinne aclamada como se deve, faz seu bis em duas repetições diferentes: duas peças de Mussorgsky, uma trágica, a outra pitoresca e duas melodias de Casella, uma saborosa e a outra particularmente inspirada, foram aclamadas. Na estante, Casella, o grande maestro saúda. Bis.

Faubert! Requentado; flexível, bem dito, bem compreendido, como diria a Sra. Delarue-Mardrus, o sábio musicólogo, foi o interprete dos sonhos da *l'Heure Espagnole*, joia magistralmente esculpida pelo joalheiro Maurice Ravel. Bis.

Então – e eis aqui o ponto: final mas culminante do programa – cento e sessenta executantes e o organista Joseph Bonnet vibraram como se fossem uma única pessoa. E o *Psaume XLVI* de Florent Schmitt soou, formidável, triunfante. Seria necessário consagrar esta obra do mestre. Digamos apenas o quanto esta ativa e radiosa composição merece ser admirada. A realização instrumental e coral do *Psaume XLVI* classifica Florent Schmitt como um dos grandes músicos franceses. A execução foi boa e a solista Srta. Rose Féart melhor ainda. E agora nos resta um dever a cumprir. Um jovem e ardente artista se consagra, nessa noite, na interpretação do programa. Ele a conduz inteligentemente quase que inteiramente. Isso graças a sua habilidade profissional, a sua dedicação de músico e amigo, que o *Psaume*, terrivelmente árduo, de Florent Schmitt pôde ser interpretado.

Rendamos então homenagem ao brilhante maestro Desiré Inghelbrecht que testemunhou uma resistência incrível e eletrizante, permitindo-se falhar no último acorde que atacou vitoriosamente.

Durante mais de dez minutos, o público, entusiasmado, aclamou o nome de Florent Schmitt.

L.V. (VUILLEMIN, 1910, s/p)

Considerações finais

O descontentamento de alguns compositores em relação ao número crescente, dentro da *Société Nationale de Musique - SNM*, de membros e de obras apresentadas pelos alunos da *Schola Cantorum* seria responsável pela criação de um novo agrupamento capaz de questionar e perturbar tal hegemonia. Assim, após serem recusadas, pelo comitê da *SNM*, várias obras de Maurice Ravel e de seus alunos, o compositor deixa a *Société Nationale* e funda uma nova sociedade dita independente, na qual o principal objetivo seria divulgar uma música contemporânea livre de qualquer tipo de imposição.

Idealizada e liderada por Maurice Ravel a *Société Musicale Indépendante - SMI* lutaria por uma maior abertura de espírito e para que a música francesa refletisse as tendências de uma época e pudesse igualmente conhecer as tendências musicais vindas de outras culturas. Contrariando a *SNM*, a estética defendida pela *SMI* foi a de uma total abertura à toda forma de pesquisa em matéria de linguagem musical. Uma análise da programação da *SMI* (*Bibliothèque Nationale de France - BnF, Musique, Programmes de la SMI*) permitiu observar que a seleção das obras apresentadas seguiam um critério segundo uma orientação estética definida por seus fundadores e simpatizantes, reunindo obras dos mais variados períodos e culturas, enfatizando a produção de seus contemporâneos porém sem distinção quanto a escola e nacionalidade.

Para os compositores do início do século XX a criação da *SMI* representou uma real possibilidade de terem suas composições executadas, expostas ao público e à crítica especializada, conforme demonstrado no presente artigo. Um estudo da programação de concertos da *SMI* comprova a importância dessa associação, que apresentou em primeira audição obras significativas de compositores como Gabriel Fauré, Claude Debussy, Maurice Ravel, Zoltán Kodaly, Enrique Granados e tantos outros. O compositor Heitor Villa-Lobos participou em duas ocasiões dos concertos da *SMI* com a primeira audição europeia das *Serestas para voz e piano* (27/01/1928) e do *Trio n.2*, para violino, violoncelo e piano (15/03/1929).

Assim, para os compositores do período em que atuou a *SMI*, a certeza de terem suas obras executadas representou uma real motivação de trabalho, fato que leva-me acreditar que muitas das obras apresentadas por essa importante associação musical não existiriam se essa não tivesse sido criada.

REFERÊNCIAS

- BENEDETTI, Danieli V. L. *Obras de Guerra – A Produção Musical Francesa durante os anos da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: AnnaBlume/FAPESP, 2013.
- CARRAUD, Gaston. *Les Concerts: Société Musicale Indépendante*. Paris: *La Liberté*, 24/ 05/1910, s/p.
- CORNET, Charles. *Société Musicale Indépendante*. Paris: *Le Guide Musical*, ano 56, n. 20 (15/05/1910), p. 388-389.
- _____. *Société Musicale Indépendante*. Paris: *Le Guide Musical*, ano 56, n. 23 (05/06/1910), p. 381-382.
- DEBUSSY, Claude. *D'un cahier d'esquisses*. Paris: Schott Frères, 1904. Partitura.
- DUCHESNEAU, Michel. *L'avant garde musicale à Paris de 1871 à 1939*. Hayen: 1997.
- ESTATUTO da *Société Nationale de Musique - SNM* e suas mudanças a partir da Assembleia Geral de 1886. Paris: Imp. LECONTE. Paris: Arquivos da *Bibliothèque nationale de France, BnF* - Rés. F. 994 (D4).
- KOECHLIN, Charles. *Quelques souvenirs sur ma situation et mes activités dans le monde musical*. Paris: Arquivos Charles Koechlin - ACK, *Écrits autobiographiques*, n. 8, SD, 20f.
- _____. *Société Nationale - Schola Cantorum – SMI*. Paris: Arquivos Charles Koechlin - ACK, Texto de Conferência de 24/02/1916, 91f.
- _____. *Souvenir sur Debussy, la Schola et la SMI*. Paris: *La Revue Musicale*, 15, 150 (11/1934), p.246.
- MARNAT, Marcel. *Maurice Ravel*. Paris: Fayard, 1986.
- MARSENS, François de. *Société Musicale Indépendante: Premier e Second Concert*. Paris: *Le Courier Musical*, ano 5, n. 10 (15/05/1910), p. 401-402.
- NECTOUX, Jean-Michel. *Ravel / Fauré et les débuts de la Société Musicale Indépendante*. Paris: *Revue de Musicologie*, 61, 2, 1975, p. 295-318.
- ORENSTEIN, Arbie. *Lettres et entretiens - Maurice Ravel*. Paris: Flammarion, 1989.
- PORCILE, François. *La belle époque de la musique française 1871-1940*. Paris: Fayard, 1999.
- RECIBO de anuidade da *Société Nationale de Musique, SNM, 1914*. Paris: Arquivos da *Bibliothèque nationale de France, BnF* - Rés. 2483 (3).
- SOCIÉTÉ MUSICALE INDÉPENDANTE. *Le Mercure de France*, 84, 307. Paris: 1/04/1910, p. 575.
- PROGRAMAS de Concertos da *Société Musicale Indépendante. Programmes de la SMI*. Paris: Arquivos da *Bibliothèque nationale de France, BnF* – Musique.
- TENROC, Charles. *Vincent d'Indy nous parle de la SMI*. Paris: *Comoedia*, 18/04/1910, p. 4.
- VÁRIOS AUTORES. *Une lecture a la Société Musicale Indépendante*. Paris: *Revista Música*, 9, 93 (junho de 1910).
- VUILLEMIN, Louis. *Une heureuse initiative artistique- La Société musicale Indépendante*. Paris: *Comoedia*, 15/04/1910, p. 2.
- _____. *En absence du Directeur du Conservatoire M. Gabriel Fauré nous parle de la S.M.I*. Paris: *Comoedia*, 4, 933 (20/04/1910), p. 1-2.
- _____. *Le Premier Concert de la S.M.I*. Paris: *Comoedia*, 21/04/1910. p.3.
- _____. *Société Musicale Indépendante*. Paris: *Comoedia*, 20/05/1910, s/p.

_____. *Société Musicale Indépendante*. Paris: *Comoedia*, 12/06/1910, s/p.

VUILLERMOZ, Émile. Carta endereçada a Charles Koechlin, 18/07/1912. Paris: Arquivos Charles Koechlin – ACK.